

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO – FAAC
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – DCSO
COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO

GIOVANA ROMANIA FERNANDES
MARIANA PELLEGRINI BERTACINI

MASCARADAS

Grande reportagem multimídia sobre a moda drag queen e a discussão sobre
identidade e gênero

Bauru, São Paulo

2018

GIOVANA ROMANIA FERNANDES
MARIANA PELLEGRINI BERTACINI

MASCARADAS

Grande reportagem multimídia sobre a moda drag queen e a discussão sobre
identidade e gênero

Relatório de Projeto Experimental apresentado em cumprimento parcial às exigências do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

Orientador (a) do Projeto Experimental:
Prof.^a Dr.^a Suely Maciel

Bauru, São Paulo

2018

GIOVANA ROMANIA FERNANDES
MARIANA PELLEGRINI BERTACINI

MASCARADAS

Grande reportagem multimídia sobre a moda drag queen e a discussão sobre identidade, gênero e ação política contra o preconceito e a discriminação

Projeto Experimental apresentado em cumprimento parcial às exigências do Curso de Jornalismo do Departamento de Comunicação Social, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, da UNESP – Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo.

Bauru, ___ de _____ de 2017.

Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente
Membro da Banca Examinadora

Bacharel em Letras Mitchell Cutmore
Membro da Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Suely Maciel
Membro da Banca Examinadora

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, aos nossos pais pelo apoio incondicional - seja ele psicológico, emocional ou material - não só durante o processo de execução deste trabalho, mas durante toda a graduação e vida.

Aos nossos irmãos, que se fizeram presentes mesmo na distância. E também ao resto de nossas famílias.

Aos amigos que compartilharam os árduos momentos conosco, ouvindo nossas dificuldades e frustrações, bem como celebrando os sucessos ao longo deste trabalho e também ao longo dos quatro anos de graduação.

Aos alunos da Universidade Estadual Paulista (UNESP) Anna Carolina Satie e Júlio César de Almeida Geraldo, que mesmo com as atividades de seus respectivos cursos (Jornalismo e Radialismo), se disponibilizaram a nos ajudar com a produção do logotipo, infográfico e vídeo para que este trabalho se tornasse multimídia.

Às drag queens que se abriram e revelaram um pouco mais de si mesmas, tão solícitas, sem as quais este presente trabalho não seria possível.

A todas as fontes por terem disponibilizado seu tempo, confiança e compartilhado conhecimentos e experiências.

À professora Suely Maciel, pelas ideias, correções, puxões de orelha, questionamentos e cobranças, que contribuíram para que o trabalho se tornasse mais conciso e completo.

*Who do you think you are?
I'm telling the truth now
We're all born naked
And the rest is drag
(RuPaul)*

RESUMO

“Mascaradas” é uma grande reportagem multimídia sobre moda, identidade e aspectos do processo de montagem de uma drag queen. Por meio de texto escrito, fotografias, vídeos e infográficos, a reportagem explica o que são drag queens, quais os diferentes tipos de queens que existem, como a postura drag relaciona-se com o binarismo masculino/feminino e como a moda drag tem o poder de construção da identidade e pode funcionar como forma de atuação política sobre as questões de gênero. A reportagem constrói-se a partir do relato de drag queens e análises de especialistas das áreas de Antropologia, Psicologia, Filosofia, Moda, Artes Cênicas e Comunicação. Ela busca também suscitar o debate sobre a derrubada de barreiras de gênero e proporcionar elementos para a discussão de temas como preconceito de gênero e discriminação.

Palavras-chave: drag queen; moda; identidade; agente político; reportagem multimídia; jornalismo.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 9 |
| 1.1 Tema | 9 |
| 1.2 Justificativa | 13 |
| 1.3 Objetivos | 15 |
| 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 17 |
| 2.1 <i>A causa LGBTQ+</i> | 17 |
| 2.2 <i>Diversidade de gênero e drag queens</i> | 18 |
| 2.3 <i>Jornalismo Especializado</i> | 18 |
| 2.4 <i>Jornalismo de Moda</i> | 19 |
| 2.5 <i>A Moda como construção de identidade</i> | 21 |
| 2.6 <i>Grande reportagem multimídia</i> | 22 |
| 2.2 Grande reportagem multimídia | 23 |
| 3 GRANDE REPORTAGEM MULTIMÍDIA <i>MASCARADAS</i> | 24 |
| 3.1 Público-alvo | 24 |
| 3.2 VICE | 24 |
| 3.3 Projeto Gráfico-Editorial | 25 |
| 4 METODOLOGIA | 31 |
| 4.1 Atividades desenvolvidas | 31 |
| 4.2 Fontes de pesquisa e entrevistas | 31 |
| 4.2.1 <i>Perguntas base para as drag queens</i> | 34 |
| 4.2.2 <i>Perguntas base para especialistas em cultura LGBTQ+ e identidade de gênero</i> | 34 |
| 4.2.3 <i>Perguntas base para especialistas em moda</i> | 35 |
| 4.3 Equipamentos utilizados | 35 |
| 4.4 Custos do projeto | 36 |
| 4.5 Cronograma | 37 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 38 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 40 |
| ANEXOS | 43 |

1 INTRODUÇÃO

1.1 Tema

De acordo com o Manual de Comunicação LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) (ASSOCIAÇÃO, 2010), elaborado pela Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Travestis e Transexuais (–ABGLT), o termo drag queen diz respeito ao homem que se veste com roupas tidas como femininas, como vestidos, espartilhos, saias e blusas decotadas, de maneira satírica e extravagante, para entretenimento ou exercício da profissão, em shows e outros eventos (ASSOCIAÇÃO, 2010, p.16). O equivalente ‘masculino’ das drag queens também existe, é performado por mulheres e recebe o nome de drag king.

Drag queens, ainda segundo o Manual..., não deixam de ser um tipo de ‘transformista’ – indivíduo que se veste com roupas do gênero oposto com fins artísticos –, pois o uso das roupas está ligado a questões artísticas, com a diferença de que a produção das queens necessariamente privilegia o humor e o exagero exagero. Já drag vem do verbo em inglês ‘arrastar’ e remete aos vestidos usados pelas primeiras queens, ainda do século XIX, que arrastavam no chão.

Em tópicos do Manual..., as drag queens estão localizadas no segmento de “identidade de gênero”. Este último termo diz respeito a uma experiência interna individual do gênero de cada pessoa, podendo ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento. A identidade de gênero abrange o senso pessoal do corpo (que pode envolver, por livre escolha, modificação da aparência ou função corporal, por meios médicos, cirúrgicos e outros), bem como outras expressões de gênero, incluindo vestimenta, modo de falar e maneirismos.

A identidade de gênero é, portanto, conforme consta na mesma publicação, “a percepção que uma pessoa tem de si como sendo do gênero masculino, feminino ou de alguma combinação dos dois, independente de sexo biológico” (ASSOCIAÇÃO, 2010, p.16). Logo, diz respeito à convicção íntima e interna de cada um quanto ao seu gênero – masculino (homem) ou feminino (mulher).

As drags não são necessariamente homossexuais, podendo ser de qualquer gênero ou sexualidade. Segundo Lorelay Fox, drag queen há mais de 12 anos e dona do canal Para Tudo, no YouTube (FOX, 2015), “drag queen não é expressão de gênero, é uma expressão

puramente artística. Pode ser feita por mulher, homem, héteros, gays...”. A afirmação é feita no vídeo *É drag ou é trans?*, no qual ela explica o que é identidade de gênero e diferencia travestis, transexuais e drag queens. No vídeo, que tem duração de cinco minutos, Lorelay Fox insiste em dizer que drag é um ator, que “se transforma no que quiser”, lembrando que a personagem não é vivida no dia-a-dia. “A gente (drag) é personagem. Eles [transexuais e travestis] são pessoas comuns, tão incrível e tão banal quanto qualquer outra pessoa” (FOX, 2015).

A temática do gênero, da identidade de gênero e do universo LGBTQ+ vem ganhando espaço nas discussões sobre grupos sociais, direitos, diversidade, cidadania e comportamento. A arte drag segue essa tendência, a ponto de ganhar visibilidade até mesmo na televisão, com o reality-show norte-americano *RuPaul’s Drag Race*, transmitido, a partir de sua 9ª temporada, pelo canal VH1, e também na televisão brasileira, como ocorre, por exemplo, com a participação de queens no programa *Amor & Sexo* e na novela *Pega-Pega*, ambos transmitidos pela Rede Globo de Televisão.

O programa *RuPaul’s Drag Race*, comandado por RuPaul Andre Charles, conhecido ator, modelo, autor, empresário, cantor e drag queen estadunidense, está em sua nona temporada. A drag queen RuPaul recebe o mesmo nome de seu criador e é a icônica apresentadora do reality, que visa eleger a próxima superstar drag dos Estados Unidos. A cada temporada, 12 participantes são avaliadas, segundo suas habilidades em produção e desfile de roupas, dublagem de músicas, maquiagem, interpretação e imitação de celebridades, dentre outros quesitos. O programa, pela temática que discute e por seu formato, constitui-se um diferencial na abordagem do universo drag:

(...) o *reality RuPaul’s Drag Race* acaba por explorar potencialidades narrativas que humanizam a drag queen para além da abordagem exótica, revelando suas emoções, vulnerabilidades e intimidades, e trazendo a sua referência para outros contextos além das comunidades LGBTQ (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2016, p.5)

No *reality* são apresentadas pessoas com diversos tipos físicos, vestuários e maquiagens, não se limitando a um padrão estético de *drag*. Ainda que com participantes majoritariamente brancas em suas temporadas, *RuPaul’s Drag Race* valoriza a mescla e a combinação dos diversos tipos de drag queens, diferenciadas por particularidades corporais, étnicas, de geração ou de experiência profissional. A falta de um padrão a ser reproduzido incentiva pessoas que desejam se dedicar à arte drag (ARAÚJO, OLIVEIRA, 2016).

No cenário nacional, a participação de queens é comum também no programa *Amor & Sexo*, apresentado pela atriz Fernanda Lima. Na edição do dia 2 de março de 2017, por exemplo, celebrou-se a diversidade de gêneros e o orgulho LGBT no Brasil. Na abertura da edição, a apresentadora chamou a atenção para a luta deste coletivo, “uma luta onde nem as purpurinas e as lantejoulas escondem as mortes e os hematomas que a violência do preconceito e da discriminação deixaram e ainda deixam nessa comunidade”, afirmou Fernanda. O episódio contou com a participação de Rodrigo Hilbert, marido da atriz, montado como drag queen. Uma das atrações fixas do programa, desde 2016, é a participação da drag queen e cantora maranhense Pablló Vittar e sua banda.

A novela *Pega-Pega*, exibida na Rede Globo desde 6 de junho de 2017, traz em seu elenco uma personagem drag queen chamada Rúbia, que se apresenta em boates, interpretada pelo ator Gabriel Sanches. Sanches, por sinal, formava com o também ator Alessandro Brandão a dupla de drag queens Sara e Nina, que protagoniza o espetáculo teatral *Minhas mulheres tristes*, lançado em 2016 no Rio de Janeiro. A peça homenageia grandes vozes brasileiras do período dos anos 1930 a 1960.

A visibilidade drag tem aumentado também nos cenários da música e do *show business* brasileiro, nos quais artistas queens como Pablló Vittar, Lia Clark e Gloria Groove são exemplos de sucesso que transitam por estilos que misturam funk, brega e pop. Lia Clark destaca-se com a composição *Trava Trava*, que viralizou nas redes sociais, enquanto Gloria Groove é representante da arte drag na periferia de São Paulo e traz o movimento periférico para suas músicas.

Já Pablló Vittar é a drag brasileira de maior sucesso atualmente, com 5,5 milhões de seguidores no *Instagram* e cerca de 3,4 milhões de ouvintes mensais na plataforma de músicas *Spotify*. Além da carreira solo, a cantora tem feito parcerias com outros artistas, como a cantora Anitta e o trio de música eletrônica Major Lazer. Pablló Vittar gravou, em outubro de 2017, uma campanha publicitária para a Coca-Cola, ao lado do cantor sertanejo Luan Santana e de outros artistas. A campanha da marca de refrigerantes terá nove rostos estampando os rótulos de seus produtos, entre eles, o de Pablló Vittar.

O mundo da música não foi o único a abrir espaços para a ascensão das drag queens. A busca por respeito e visibilidade ganha forças também com a internet e a televisão. Lorelay Fox, já citada neste trabalho, é um exemplo quando se pensa na plataforma de compartilhamento audiovisual YouTube, uma vez que a queen se destacou pelo seu canal

‘Para Tudo’ (<https://www.youtube.com/channel/UC-NW3bCGpuJm6fz-9DyXMjg>), no qual ela dá dicas de maquiagem, roupas e cabelo, além de usar o espaço para falar de sua vivência como drag queen e homem gay, configurando uma maneira de se manifestar politicamente por essas causas. Trata-se de uma iniciativa que, de certa maneira, trilha os caminhos abertos pela pioneira atração da TV norte-americana no segmento:

A exibição de *RuPaul’s Drag Race* resultou em uma série de produtos midiáticos com a mesma temática, páginas em sites de redes sociais e eventos dedicados à arte drag que favorecem a compreensão e o consumo continuado do *reality* norte-americano. Toda essa efervescência ganhou destaque em sites de notícias, revistas e jornais locais que buscam compreender a popularização das drag queens no país gerada pelo programa. (ARAÚJO, OLIVEIRA, 2016, p.5)

O *reality show* de RuPaul, além de dar visibilidade para a cultura drag queen de maneira geral, também destaca um elemento crucial para o segmento: a moda. Segundo o pesquisador Alexandre Bergamo, mestrando em Sociologia pela Universidade de São Paulo, “o sentido da moda está nas vivências, nas representações e naquilo que orienta a relação das pessoas com as roupas, aprovando e desaprovando, emitindo juízos de valor”. Ou seja, a moda aponta cotidianamente direções, significados e instrumentos de julgamento para as roupas e, nesse sentido, tem papel destacado no universo drag.

Conhecido pelo uso de roupas femininas de maneira satírica, extravagante e estereotipada, com “exagero da feminilidade”, o padrão drag de vestimenta e maquiagem está em constante mutação e evolução, como ressalta a produção audiovisual especial *100 years of drag queen fashion – 100 anos de moda drag queen*, em tradução livre – feita pela revista norte-americana *Vanity Fair* e que pode ser conferida no link https://www.youtube.com/watch?v=qk7ChII_Up0. De acordo com o vídeo, publicado no Youtube, se antes eram mais comuns *looks* glamorosos, inspirados em atrizes como Marilyn Monroe, atualmente a variedade de estilos entre as queens é grande: barbadadas e maquiadas, ou que usam roupas despojadas, como tênis e moletom, ou ainda as que optam por um vestuário colorido e cheio de acessórios, especialmente extravagante. Dessa forma, também a arte drag reflete os movimentos da moda, ao mesmo tempo que configura novos modelos e padrões.

(...) a moda é hoje um meio de comunicação de massa, que se reproduz e se difunde a sua maneira e que, ao mesmo tempo, entra em relação com outro sistema de *mass media*, principalmente com o jornalismo especializado, a fotografia, o cinema, o marketing e a publicidade. Assim como alguns

desses sistemas, a moda caracteriza-se também como forma de arte reprodutível, arte mundana, singularizada. Neste sentido, pode ser praticada com a mesma dignidade, ainda que com diferente valor estético, tanto no ateliê do grande estilista, quanto diante do espelho doméstico. (CALANCA, DANIELA. 2008, p.12)

Em vista do exposto, este trabalho visa apresentar a produção de uma grande reportagem multimídia que discute a relação entre moda e a arte drag queen, bem como o estabelecimento e a reprodução de padrões estéticos e comportamentais que tangenciam a ação política em defesa da diversidade e da igualdade e contra a discriminação e o preconceito.

A grande reportagem, intitulada ‘Mascaradas’, segue o modelo do portal de notícias e entretenimento *Vice* e é composta por texto verbal escrito, vídeo, fotografias e infográficos, todos no formato digital, disponibilizados no endereço <https://gioromania.wixsite.com/mascaradas/>.

A grande reportagem aborda todo o processo de constituição da “segunda face” e da “segunda identidade” que caracterizam a relação entre o criador (o homem) e sua criação (a drag queen), revelando as etapas de “montagem” (vestuário, maquiagem e caracterização) e as escolhas estéticas de cada personagem.

1.2 Justificativa

Pode-se dizer que as primeiras manifestações do que hoje se considera arte drag deram-se na Grécia antiga, quando homens se transformavam para a representação de papéis femininos no teatro, visto que a participação de mulheres no meio teatral não era permitida.

As drag queens são parte cultural da comunidade LGBT+, já que, no contexto histórico, elas estão presentes nas principais lutas, como aconteceu nos anos 1950 e 1960, na Revolta de Stonewall – estopim do movimento nos Estados Unidos na luta por direitos. Foi nos anos 1990 que as drag queens começaram a ganhar espaço na cultura pop, principalmente em Hollywood, com o filme *Priscilla, a rainha do deserto* e o surgimento de RuPaul, que ocuparia o papel de drag queen mais famosa do mundo. Ao mesmo tempo, as drags consolidavam seu papel na luta pelos direitos da população LGBT+, ajudando na popularização das paradas do orgulho LGBT+ por todo o mundo.

A população LGBT+ no Brasil é estimada em 20 milhões de pessoas, segundo pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e aqui a história das drags

acompanhou muito o cenário internacional. Atualmente, elas ocupam um espaço considerável da cultura pop brasileira. Pablo Vittar domina os holofotes, como já dito anteriormente, e traz consigo drags como Lia Clark, Gloria Groove e Aretuza Lovi.

Todo esse crescimento traz à tona questões relevantes sobre a cultura drag, em como funciona sua caracterização, levando em consideração seu vestuário, maquiagem e trejeitos, e como isso afeta ou constitui uma identidade. Além disso, como já dito anteriormente, as drags fizeram e ainda fazem parte das lutas pelos direitos do coletivo LGBTQ+. O trabalho aqui proposto buscará mostrar como isso se efetiva e transforma as drag queens, ainda que essa não seja a intenção delas, em agentes políticos na luta contra discriminação e o preconceito, abordagem essa que dificilmente é encontrada nos principais veículos de comunicação.

O jornalismo, bem como a atual mídia convencional dos grandes grupos de comunicação no Brasil, tem criado espaço de relato apenas, por vezes, com uma abordagem no “exotismo” da questão. A igualdade de direitos civis e saúde pública ficam subjugadas aos critérios heteronormativos, binários, de moral religiosa e conservadora que têm demonstrado ser majoritários no país (FONSECA, 2015).

A construção da grande reportagem multimídia “Mascaradas” apoia-se no artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que dá a todas as pessoas o direito de receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios. Além disso, é importante lembrar que o tema se torna mais importante devido à violência que essa comunidade ainda sofre, principalmente no Brasil. Segundo o Grupo Gay da Bahia (GGB), a cada 25 horas, um indivíduo LGBTQ+ é assassinado no país por motivação LGBTQfóbica. Isso demonstra a que comportamental falta de informação, o preconceito e a discriminação podem levar, o que contraria frontalmente a Declaração Universal dos Direitos Humanos:

Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, idioma, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, situação econômica, nascimento, ou qualquer outra condição.

A escolha pelo formato multimídia justifica-se, por sua vez, pelo crescimento dos meios digitais no Brasil e pela facilidade de difusão de conteúdos que o sistema em rede oferece. De 2005 até 2015, o número de casas brasileiras conectadas à internet saltou de 7,2

milhões para 39,3 milhões, um aumento de 446% no período (dados de dezembro de 2016, segundo o IBGE). Isso quer dizer que cerca de 57,5% da população teve acesso à internet até os três meses anteriores à presente pesquisa. Esses números mostram e justificam a escolha pelo formato da grande reportagem multimídia.

Além disso, grandes veículos de comunicação, como o jornal The New York Times, investem cada vez mais nesse tipo de conteúdo. O NYT elaborou, em 2012, a reportagem “*Snow Fall: the avalanche at Tunnel Creek*”, em que a união de áudio, vídeo, animação e texto escrito reconstituiu a avalanche de neve que matou três dos 16 atletas profissionais que praticavam snowboard nas montanhas Cascade, localizadas no estado de Washington, nos Estados Unidos.

A versão final da reportagem foi disponibilizada online em dezembro de 2012 e não demorou a ser reconhecida mundialmente. No ano seguinte, ganhou o prêmio Pulitzer, passando a ser apontada como modelo ideal para a construção dessa modalidade: a reportagem multimídia. A inovação do The Times destacou-se não só pelo formato, como também pela apuração detalhada, pela contextualização da tragédia e pelas possibilidades de interação oferecidas aos usuários. (DAMASCENO, CECILIA; SILVA, THIAGO).

Com a grande reportagem “Mascaradas”, espera-se contribuir não só com explicações pontuais sobre o universo das queens e suas várias camadas em papéis sociais, mas também dar visibilidade para esse coletivo e fomentar a discussão sobre identidade de gênero, igualdade, discriminação e preconceito.

1.3 Objetivos

O objetivo geral deste trabalho é discutir, a partir do processo de montagem das drag queens, a relevância da moda e do vestuário dentro do universo drag, bem como o papel das queens como agentes políticos, considerando o preconceito e a discriminação sofrido por elas. É também mostrar as influências criativas e o processo de montagem de uma drag queen, propondo uma reflexão sobre o ato de se caracterizar e as possíveis diferenças de personalidade entre a persona drag e seu criador(a). Para que o objetivo geral seja atingido, o trabalho propõe os seguintes objetivos específicos:

- Entender a influência da moda nas relações sociais e na formação de identidade das pessoas;

- Compreender a relação entre drag queens e os conceitos de gênero e identidade de gênero;
- Identificar o papel do vestuário na montagem de drag queens e verificar se há uma função política do mesmo quanto ao posicionamento das drags frente a preconceitos;
- Dominar os fundamentos do jornalismo e as habilidades para a produção de uma grande reportagem multimídia, assim como a de trabalhar com o webjornalismo;
- Desenvolver uma página na web chamativa, interativa e informativa, onde a reportagem estará hospedada.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 *A Causa LGBTQ+*

O movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis (LGBT+) começou a ganhar força no Brasil e no mundo por volta dos anos 1970, em plena ditadura. As pessoas ocupavam espaços públicos para discutir e se divertir. Na mídia brasileira, o primeiro jornal de expressão foi “O Lampião da Esquina”, fundado em 1978, como parte da mídia alternativa em meio a censura e com o propósito de denunciar abusos contra as pessoas LGBTQ+.

Dos primeiros passos até atualmente, o movimento obteve vitórias: em 1985, o Conselho Federal de Medicina despatologizou a homossexualidade no Brasil, 5 anos antes da Organização Mundial da Saúde (OMS); em 1997 acontecia na Avenida Paulista, em São Paulo, a primeira parada do orgulho LGBTQ+; em 2011, o Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu a união civil entre pessoas do mesmo sexo; em 2013, o Conselho Nacional de Justiça autorizou o casamento civil; o nome social, usado por transexuais e travestis para sua identificação, pode ser usado no Sistema Único de Saúde (SUS) desde 2009 e, no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), é permitido desde 2013, além das decisões em âmbito estadual e municipal.

Ao lado de todas as conquistas, o Brasil aparece como o campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais. Segundo o Grupo Gay da Bahia (GGB), 343 pessoas LGBTQ+ foram assassinadas no ano de 2016 por motivação de ódio. Esse número corresponde somente aos casos registrados, já que não existem estatísticas governamentais sobre essa violência e o Projeto de Lei Complementar (PLC) 122/06 – que visava incluir as discriminações por orientação sexual e por identidade de gênero na Lei de Racismo (Lei n.º 7.716/89) –, foi arquivado ainda no governo de Dilma Rousseff. Os números do Brasil assustam, principalmente quando outros países do continente americano, como a Jamaica, ainda criminalizam a homossexualidade.

As obrigações legais dos Estados de proteger os direitos humanos de pessoas LGBTQ+ e intersexo estão bem estabelecidas no regime internacional de direitos humanos baseado na Declaração Universal dos Direitos Humanos e posteriormente

acordados nos tratados internacionais sobre o tema. Todas as pessoas, independente de sexo, orientação sexual ou identidade de gênero, têm direito de gozar da proteção assegurada pelo regime internacional dos direitos humanos, inclusive em relação aos direitos à vida, à segurança pessoal e à privacidade, o direito de ser livre de tortura, detenções e prisões arbitrárias, o direito de ser livre de discriminação e o direito às liberdades de expressão, de reunião e de associação pacífica. (ORGANIZAÇÃO NACIONAL DAS NAÇÕES UNIDAS, ONU; Nascidos Livres e Iguais, 2013, p.10)

2.2 Diversidade de gênero e drag queens

Com o crescimento contínuo do movimento LGBTQ+, também surgiram mais dúvidas, pois quanto mais informações são dadas ao público, mais difícil é explicar os novos elementos. O conceito de identidade de gênero não é novo e pode ser visto já através da diferenciação entre sexo e gênero feita por Robert Stoller, em 1968, na qual ele define que quando nos referimos a sexo estamos falando de macho, fêmea e seus aspectos biológicos. Enquanto que ao falar de gênero os significados são sociais, culturais e históricos que determinam o papel de cada um.

No Brasil, os debates sobre a inclusão dos estudos de gênero no plano de educação, foram essenciais na escalada do “Escola Sem Partido”, que prega esse aprendizado como uma “ideologia de gênero”. Esse termo está, maciçamente, ligado às partes conservadoras de igrejas e de movimentos pró-vida e pró-família, além de ser vendido como algo negativo.

A expressão de gênero é vivida no dia a dia pessoal de cada indivíduo, diferente dos trabalhos das drags. As drags não vivem de drags no seu dia a dia, elas interpretam um personagem, se montam para performances artísticas e gênero não é personagem (FOX, 2017).

Nosso léxico é extremamente pobre e binário. O que chamamos de masculinidade talvez pudesse ter outro nome. Determinadas concepções feministas, ainda hegemônicas em larga medida, identificam o masculino como um atributo do homem e a feminilidade como um atributo da mulher. Se você entende que ninguém nasce homem e ninguém nasce mulher, e radicaliza essa perspectiva, não faz mais sentido discutir a legitimidade da demanda de sujeitos que querem reconstruir o seu gênero socialmente. (BENTO, BERENICE; DIAS, DIEGO; Brincar de gênero, uma conversa com Berenice Bento, 2013)

2.3 Jornalismo especializado

O jornalismo especializado, diferentemente do generalista, procura uma abordagem bem mais profunda de um determinado assunto. Desta maneira, ele atinge um nicho de

para pessoas específicas, ao invés de padronizar uma reportagem jornalística para um grande público sem características pré-definidas. Entretanto, apesar da profundidade e do direcionamento para públicos específicos, o jornalismo especializado, assim como todo jornalismo, deve ser acessível em termos de linguagem e plataforma.

O jornalismo especializado é aquela estrutura informativa que penetra e analisa a realidade através de distintas especialidades do conhecimento, a coloca em um contexto amplo, oferece uma visão global ao leitor e elabora uma mensagem jornalística que atenda interesses e necessidades (FERNÁNDEZ DEL MORAL, 1983, *apud* BERGANZA CONDE, 2005, p.61).

É possível notar um aumento das estruturas de reportagens especializadas, isso se relaciona à evolução dos meios de comunicação e à maior distinção entre grupos sociais consumidores destes meios. O desenvolvimento do jornalismo especializado está relacionado a essa lógica econômica que busca a segmentação do mercado como uma estratégia de atingir os grupos que se encontram tão dissociados entre si. (DE ARAÚJO ABIAHY, ANA CAROLINA, 2005).

2.4 *Jornalismo de moda*

Em *Moda: uma filosofia*, Lars Svendsen comenta que as primeiras revistas do segmento são datadas de 1770 e 1780 e eram dirigidas exclusivamente ao público feminino. Na visão do filósofo, tais revistas, sem dúvida, serviram para aumentar a rapidez com que a moda circulava, já que a informação sobre o que estava “in” e “out” era difundida muito mais depressa e para mais pessoas do que antes.” (SVENDSEN, 2010: 25)

Com o surgimento e fortalecimento da moda *prêt-à-porter* (em livre tradução, pronta para usar) — uma moda mais industrial, que desbancava os ateliês de Alta Costura de produção artesanal por ter produção em grande escala e roupas com expressão de moda a preços mais acessíveis — entre as décadas de 1950 e 1960, as publicações de moda passaram por uma transformação, se adaptando ao novo sistema, tornando-se mais aceleradas e difundidas. À medida que o consumo se tornou mais democrático, as revistas passaram a exercer maior influência no que seria ou não tendência, além atender aos interesses tanto do público quanto dos estilistas e suas marcas.

Ruth Joffily (1991), pioneira na publicação de livros sobre moda no Brasil, estabelece três pilares nos quais as matérias de jornalismo de moda se apoia: tendência, serviço e

comportamento. Tais pilares, segundo ela, podem se misturar. “A cada uma corresponde um enfoque tanto do texto quanto da foto ou ilustração. Entretanto, no mais das vezes, esses três tipos de matérias se misturam.” (JOFFILY, 1991: 95).

Tendência diz respeito aos textos que trazem referências do cenário internacional de estética, consumo e comportamento, explicando o que é ou será novidade nos produtos de moda. Serviço está relacionado às adaptações, matérias que trazem, para o cotidiano do leitor, o que foi desfilado na passarela e mostram como adaptar as tendências de moda para diferentes ocasiões ou eventos, onde encontrar os produtos necessários e mais referências a um estilo. Comportamento, por fim, diz respeito aos textos que procuram inserir a moda em diferentes cenários, contemporâneo, histórico, cultural, brasileiro ou internacional, sendo responsável pela conexão da moda com os acontecimentos.

O jornalista deve, portanto, estar atento e se manter bem informado quanto ao cenário cultural, político e econômico nacional e internacional. A autoridade e a capacidade de refletir e propor reflexões acerca do fenômeno moda está ligada ao quão bem informado e contextualizado está o jornalista.

As imagens, muitas vezes similares a fotorreportagens, são elementos fundamentais quando se pensa em jornalismo de moda. De acordo com Joffily, “Habitualmente, as publicações de moda procuram reduzir o espaço para o texto, destacando mais as fotos”. (1991, p. 117).” Algumas características também foram pensadas por Lipovetsky quanto a esse tipo de jornalismo:

As reportagens devem ser curtas, os comentários claros e simples, entrecortados de entrevistas retalhadas, de vivido, de elementos anedóticos; por toda parte a imagem deve distrair, prender a atenção, provocar choque. O objetivo fundamental é agarrar o público mais numeroso pela tecnologia do ritmo rápido, da sequência flash, da simplicidade (...). (LIPOVETSKY, 2009, p. 269)

O texto jornalístico de moda apresenta linguagem ágil, informal e moderna, com adjetivos e expressões próprias, permitindo neologismos, e cheio de referências. O uso de línguas estrangeiras é comum. A imagem se sobrepõe à importância do texto, mas nem por isso este último deve ser desprezado.

Este é sem dúvida um trabalho que valoriza a presença (indispensável) do texto nas publicações. Um texto ressecado, naturalmente, não encontrará leitoras. Quando muito, passará despercebido, ou será procurado apenas pelo que pode conter de

informação prática (onde comprar, quanto custa etc.). Mas um texto “estilizado” é um atrativo a mais, principalmente no caso de uma matéria de tendência, que tem todo um “espírito” envolvido; ou de uma matéria sobre comportamento, onde o lado íntimo (que apenas a imagem não revela) do objeto em foco é exigido, o trabalho criativo do texto é fundamental (JOFFILY, 1991:120).

2.5 A moda como construção da identidade

Muito se fala sobre moda como expressão de identidade e até mesmo uma linguagem. Desde seu surgimento, o fenômeno moda traz significados. As opções de vestuário não apenas cobrem os corpos que as vestem, mas carregam consigo sentidos ligados a fatores culturais, econômicos, políticos e sociais nos quais a pessoa que as veste se encaixa e se identifica.

Embora carregue significados, a roupa não é uma linguagem, conforme afirma Lars Svendsen: “... as roupas não são uma linguagem. Embora se afirme com frequência o contrário, o fato é que elas não têm nem gramática nem vocabulário em nenhum sentido usual.” (SVENDSEN, 2010, p.79)

Por terem seus significados ligados a contextos, as roupas são semanticamente instáveis, mas podem ser consideradas como textos. Em sociedades hierárquicas, as peças de vestuário traziam significados mais fechados e estáveis. Com a pós-modernidade, as sociedades tornaram-se mais fragmentárias, e as roupas tornam-se textos ‘abertos’, com a possibilidade de novas significações serem atribuídas a todo momento. Diferentes grupos podem, assim, usar um mesmo item, porém o significado será diferenciado para cada um deles.

De acordo com Svendsen, as modas de roupas tendem a perder seus significados rapidamente à medida que se espalham: “quanto maior a difusão, menos a estabilidade do significado.” (SVENDSEN, 2010, p.80)

Na era pós-moderna uma característica que se destaca é o individualismo. E a expressão dessa característica nos indivíduos se dá através da busca pela autorrealização como tais. O eu-pós moderno está constantemente à procura de novas versões de si mesmo, ou seja, em constante mudança e, para isso, acaba recorrendo à moda como um meio de se expressar.

Não há mais um significado coletivo da vida no mundo moderno, um significado do qual caiba ao indivíduo participar - e que lhe dará identidade automaticamente através da participação no coletivo. Em vez disso, somos todos remetidos a nossos projetos individuais de autorrealização. (SVENDSEN, 2010, p.159)

A autoidentidade dos indivíduos não é imutável, mas sim contada e recontada várias vezes, é passível de transformações. Ainda sobre a questão de significados e narrativas coletivas, Lars Svendsen afirma:

(...) um traço central da modernidade é que os indivíduos, numa medida crescente, têm de criar suas *próprias* narrativas sobre si mesmos, já que as narrativas coletivas não têm mais tanto vigor. Uma construção de identidade nunca começa inteiramente do zero, mas está precisando chegar cada vez mais perto disso porque as instâncias sociais que ajudaram tradicionalmente a criar uma constância do eu tornaram-se consideravelmente mais frouxas e menos estáveis. (SVENDSEN, 2010, p.172)

Roupas cobrem a pele do indivíduo e fazem parte da identidade do mesmo. A identidade pessoal, como Svendsen lembra em seu livro, é um “*projeto corporal*”. O corpo está desenvolvendo cada vez mais um papel importante de inspiração no processo de compreensão da identidade pessoal. E, sendo passível de mudanças, torna-se um objeto de moda privilegiado. O corpo pode se transformar e se adaptar às novas normas assim que elas surgem. As coisas mais próximas de nosso corpo são as roupas, e ao buscarmos identidade no corpo, procuramos também nas roupas – a continuação mais imediata do mesmo.

O vestuário dá aos outros uma impressão sobre quem é a pessoa que está usando aquelas peças, sendo também importante e decisivo para o indivíduo, quanto à percepção dele mesmo e da posição em que se encontra no mundo. A moda auxilia na construção da imagem de um ser humano diante da sociedade.

2.6 Grande reportagem multimídia

A grande reportagem multimídia é fruto da terceira geração do ciberjornalismo. De acordo com Carla Schwingel (2012), este meio possui características específicas, que ela dividiu em sete: a multimedialidade, interatividade, hipertextualidade, customização de conteúdo (também a multilinearidade permitida pelo hipertexto), memória (a internet é muito mais abrangente e infinita do que os acervos jornalísticos já existentes), atualização contínua e flexibilização dos limites de tempo e espaço.

A reportagem multimídia engloba em uma plataforma os recursos jornalísticos de texto, áudio, vídeo, ilustrações, fotos e gráficos, dinamizando a forma de leitura do usuário e permitindo que o assunto se torne muito mais amplo. Além disso, ela exige uma linguagem de

fácil divulgação e não necessariamente linear, podendo ter a “interferência” desses recursos em qualquer momento que torne a leitura mais dinâmica para o usuário.

3. GRANDE REPORTAGEM MULTIMÍDIA “MASCARADAS”

3.1 Público alvo

O público-alvo preferencial da reportagem “Mascaradas” é jovem, em sua maioria LGBT+, mas também pode abranger leitores em geral. Em questão de gênero, o conteúdo da reportagem carrega a discussão de identidade, portanto, gêneros masculino, feminino, não-binário e qualquer outro espectro são esperados. Travestis e transexuais também. Além disso, grupos de pessoas que se interessam por moda ou a têm como objeto de estudo, em especial quando se trata da relação entre moda, identidade de gênero e ação política, temática abordada pontualmente na grande reportagem

Reconhece-se que o público-alvo encaixa-se em alguns estereótipos sociais, porém, a produção talvez venha a contribuir para a quebra desses padrões e modelos preestabelecidos. Além disso, a internet, ambiente onde a grande reportagem estará inserida, permite que qualquer pessoa, não importa o gênero, a idade, a orientação sexual e o gosto estético, assimile as informações e aprofunde seu conhecimento sobre a temática, o que certamente contribuirá para a superação de preconceitos e prejulgamentos geralmente decorrentes da ignorância sobre a temática.

3.2 VICE

A revista Vice foi fundada por Suroosh Alvi, Gavin McInnes e Shane Smith, em 1994, em Montreal, Quebec, no Canadá. Seus primeiros passos foram dados como uma revista física sobre artes, cultura e temáticas modernas. Depois de várias vendas e compras dos direitos da revista, ela voltou para as mãos dos criadores originais e, em 2001, teve sua sede movida para Williamsburg, Brooklyn, na cidade de Nova Iorque. Em pouco tempo, a Vice já tinha edições espalhadas por cinco continentes.

A migração da revista para o ambiente online começou em 2006, com o VBS.tv, um canal que exibia documentários e programas com temáticas incomuns, apresentados por jovens, modelo que até hoje a Vice ainda propõe.

Atualmente, a revista pode ser encontrada no domínio www.vice.com. As editorias são divididas em sites diferentes, o que acaba contribuindo para a criação de equipes muito especializadas, segundo André Maleronka, editor-chefe do veículo no Brasil. O conteúdo do site está dividido em “leia”, “assista”, “vice apps” e “revista vice”. Suas editorias de conteúdo

são: Noisey (universo musical), Thump (música eletrônica), Motherboard (ciência e tecnologia), Creators (arte e criatividade), Munchies (comida), Vice Sports (esportes), Tonic (saúde e bem-estar), Broadly (feminino), i-D (moda e personalidades) e Waypoint (Games). Também segundo Maleronka, a Vice Brasil conta atualmente com cerca 70 funcionários, sendo 10 deles parte da redação do veículo.

Segundo o próprio site, Vice é o maior grupo de mídia global do mundo focada em jovens. Conta com 36 escritórios espalhados em mais de 25 países e segue ampliando sua operação. A linha editorial da plataforma online segue muito do que originou a Vice revista: polêmicas e assuntos provocativos. Temas como sexo, drogas e tabus são pautas constantes no veículo. Os textos costumam ter tamanhos médios – cerca de 10 mil caracteres – e contam com muitos recursos visuais. Fotos e vídeos são marcas registradas da plataforma, além também do uso constante de gifs.

Um dos diferenciais mais marcantes da publicação é a oportunidade constante que a plataforma dá para o relato de experiências. Um dos que comprovam o estilo da Vice é o artigo “Uma Festa da Porral”, no qual o jornalista Pedro Falcão conta sua experiência ao beber o próprio sêmen em drinks alcoólicos. Nesta narrativa, Falcão usa linguagem informal, palavras de baixo calão e conversa com o leitor como faria em uma mesa de bar com amigos.

Tomando a Vice como possibilidade de publicação, a grande reportagem “Mascaradas” busca seguir os padrões do site, e se constitui de texto verbal escrito, infográfico, fotografias e vídeos., num estilo informal e leve. Ela também se diferencia pela escolha de uma paleta de cores especial. A produção poderá integrar as editorias Creators ou i-D.

3.3 Projeto Gráfico-Editorial

O projeto gráfico-editorial da Vice em características marcantes, como a presença de fotos chamativas e em tamanho ampliado, além de algumas com forte propósito artístico. No entanto, ainda que se inspire na publicação canadense, o design de “Mascaradas” privilegia um estilo mais leve. A grande reportagem pode ser acessada em www.gioromania014.wix.com/mascaradas e se encaixaria como uma produção especial do site, dada a sua abordagem e as características de design gráfico.

A grande reportagem está estruturada em três textos verbais escritos, aos quais são acrescentados um vídeo, um infográfico e várias fotografias, e um glossário de expressões do universo drag. O acesso aos textos se dá por meio de um menu que brinca com os elementos da maquiagem (base, contorno, textura, iluminador), e remete ao ambiente artístico característico da atuação profissional das queens (backstage).

A escolha dos tons mais pastéis para as cores do site, além da ideia de maquiagem – característica importantíssima na montagem de uma drag queen – foi feita para que o destaque de cores ficasse com as produções multimídia (fotos e vídeos), deixando o site com uma coloração mais neutra, porém ainda interligada com o tema, porque, afinal, as drags que trarão cor e vida à reportagem.

A ideia de partir dos princípios da maquiagem para montar o website e o projeto gráfico-editorial foi do jornalista William Orima, formado pela Unesp de Bauru. A paleta (Figura 1) foi feita pelas autoras no disco de cores do site da Adobe, a partir de uma cor base.

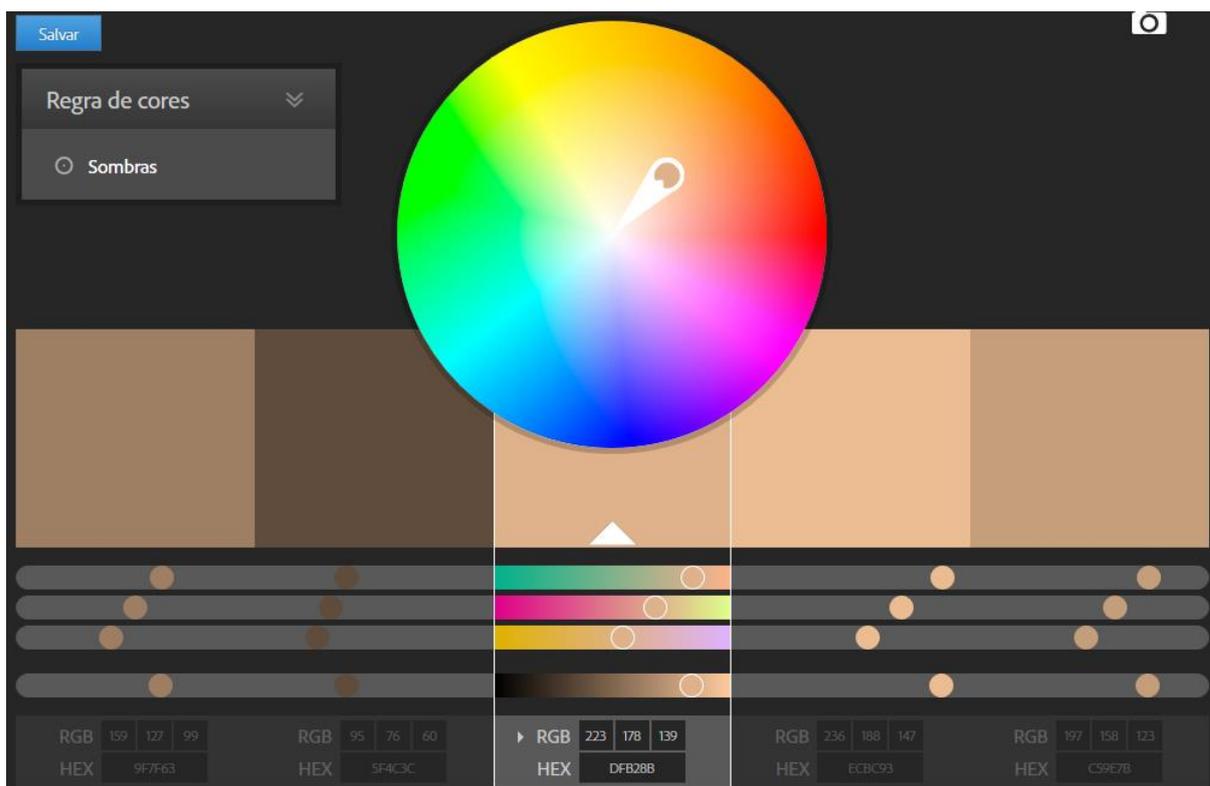


Figura 1 – Paleta de cores do website “MASCARADAS”

O logotipo (figura 2) foi criado pela aluna Anna Carolina Satie, do quarto ano de jornalismo da Unesp de Bauru. A partir de um modelo inicial criado pelas autoras com o

Adobe Photoshop, Anna Satie refez o logotipo com o uso de uma mesa digitalizadora. O logo consiste em um rosto estilizado, com uma metade do cabelo curta e a outra longa e com volume, de forma a representar uma peruca. Além disso, o rosto é coberto por uma barba e o detalhe de um brinco surge do lado masculino do desenho. Os dizeres “Mascarada” ficam no meio do rosto da figura.. A paleta de cores é utilizada com um rosa pastel nos cabelos e contorno, enquanto o detalhe do brinco é azul, derivada das sombras da cor base (figura 3), assim como os escritos do nome do site.



Figura 2 - Logotipo da reportagem “Mascaradas”

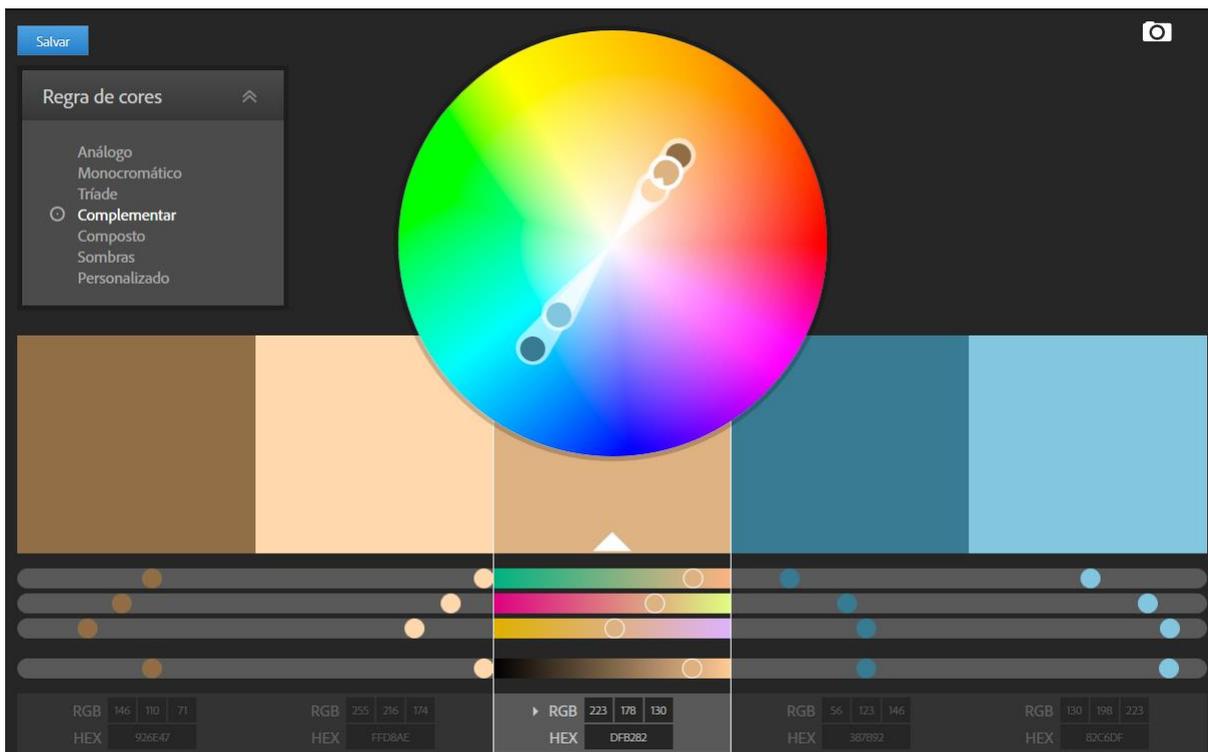


Figura 3 – Paleta de cores do logotipo

A reportagem está hospedada no Wix, editor digital que permite a publicação de conteúdo multimídia de forma gratuita. A escolha foi baseada na facilidade e no leque de opções que o Wix proporciona para a montagem de um website, mesmo com a escolha do formato gratuito. O editor permite a mudança rápida e fácil de fotos, textos e menus, oferecendo também ferramentas muito didáticas.

Assim como a paleta de cores, a temática do menu principal também é a maquiagem. A introdução da grande reportagem, na qual se discutem os conceitos de drag, drag queen, identidade de gênero, igualdade, entre outros, foi nomeada “Base”, enquanto o relato do processo de ‘montagem’ de queens é acessado por meio da aba “Contorno”. Completam a grande reportagem um texto sobre moda e universo drag queen (“Textura” e um glossário de termos dos universos LGBT e queen (“Iluminador”).

A página inicial do site é composta pelo logo em tamanho grande e, ao clicar em cima do logo, o leitor é automaticamente direcionado para a matéria de introdução, pertencente à aba “Base”. Ainda na página inicial há um menu vertical, dando ao leitor a oportunidade de escolher por qual editoria quer começar a navegar pelo site *Mascaradas* (figura 4).



Figura 4 – Logo e menu lateral do site “Mascaradas”

Ao clicar em qualquer uma das abas do menu vertical ou no logo, o leitor irá se deparar com os conteúdos do site conforme divisão supracitada. Assim, é possível conferir o menu principal de *Mascaradas*, bem como o logo acompanhado pelo subtítulo “Moda e identidade no universo drag queen”, seguidos pelos textos da reportagem (figura 5).



Figura 5 – Panorama geral do site, com logo, subtítulo, menu principal e texto da reportagem

Com a técnica do hipertexto implementada, todas as palavras sublinhadas e em azul do tom do logotipo levam a algum site específico externo de informações e referenciais complementares ou até mesmo a outras partes da própria grande reportagem.

Como parte do conteúdo multimídia, as autoras produziram um vídeo de 2'56'' que consiste em um timelapse de uma drag queense montando, sob trilha sonora da música “I Will Survive”, de Gloria Gaynor, icônica entre a comunidade drag.

Grande parte das fotografias foram produzidas pelas autoras, durante as entrevistas feitas pessoalmente e, também, na participação da 10ª Parada da Diversidade de Bauru, na qual imagens dos shows de drag queens que se apresentaram foram feitas.

4 METODOLOGIA

4.1 Atividades desenvolvidas

Para a produção da grande reportagem multimídia “MASCARADAS”, foram realizadas as seguintes atividades:

- Elaboração da pauta principal;
- Elaboração das pautas individuais das reportagens;
- Realização das entrevistas;
- Captação e edição de áudio e imagens;
- Redação do relatório;
- Criação e desenvolvimento do projeto gráfico-editorial;
- Estabelecimento da arquitetura de navegação e ordem de conteúdos;
- Desenvolvimento do site;
- Disponibilização do conteúdo online.

Todas essas atividades foram realizadas pelas autoras do projeto, exceto a edição do vídeo em time-lapse, que foi editado por Júlio César de Almeida Geraldo, aluno do 3º ano de Comunicação Social: Radialismo, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, da Unesp Bauru. Júlio é membro da empresa júnior de seu curso, a Locomotiva, aperfeiçoando neste projeto de extensão a habilidade de edição de vídeos com o software Adobe Premiere.

As imagens fotográficas e em vídeo foram feitas pelas autoras do projeto durante as entrevistas feitas pessoalmente e ao participarem de eventos, como a Parada LGBT de 2017 (27 de agosto), em Bauru, e o Festival Ideal Proibido (19 de novembro de 2017), em São Paulo.

4.2 Fontes de pesquisa e entrevistas

As primeiras pesquisas tinham sempre como centro as drag queens, mas a temática da grande reportagem multimídia foi um grande desafio em ser definido, já que era preciso um material convincente e alcançável para execução. O acompanhamento de blogs, canais do youtube, documentários e reportagens sobre o assunto ajudou no desenvolvimento da

produção, uma vez que a temática moda, identidade e drag queen como agente político foi definida.

As primeiras leituras foram voltadas para a temática moda, pouco trabalhada durante a graduação. *História Social da Moda*, de Daniela Calanca, foi a obra usada para o entendimento do contexto social da moda durante os séculos e também para analisar a história da diferenciação entre vestuário masculino e feminino. Esse estudo foi complementado pela leitura de *Império do Efêmero*, de Gilles Lipovetsky; *Moda, uma filosofia*, de Lars Svendsen; e *Modas e Modos*, obra de Gillo Dorfles.

Para a parte jornalística, a obra de Nilson Lage (2001) *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística* serviu de baliza para a realização do produto, assim como *Ciberjornalismo*, de Carla Schwingel (2012), foi importante para a compreensão dos fundamentos do meio online e sua melhor utilização na construção de uma reportagem multimídia produzida sob os parâmetros do jornalismo digital.

Para complementar essas leituras, muitos artigos online ajudaram na construção do trabalho, além de leis de defesa à população LGBT+. O embasamento teórico do meio acadêmico que tem como assunto principal drag queens e moda como uma temática unida não atendia plenamente as necessidades do presente projeto, uma vez que as discussões geralmente estão limitadas às questões de identidade de gênero e sexualidade, ou somente moda e construção social. Essa, inclusive, foi uma das maiores dificuldades encontradas na execução do trabalho, pois um apanhado de informações dispersas teve de ser reunido de forma coesa para que o assunto pudesse se tornar a grande reportagem multimídia.

Para driblar esse problema, a solução foi encontrar pessoas dentro do meio acadêmico da Unesp de Bauru que pudessem direcionar estudos bibliográficos e documentais, caso da fonte Caroline Gomes, Mestre em Design que escreveu uma dissertação focada em transexuais, corpo e moda. As entrevistas pessoais com drag queens se colocaram como elementos muito importantes, já que permitiram às autoras a observação da real vivência dessas pessoas, suas transformações e o relacionamento que elas tinham com seus personagens e vestuários. Foi graças a esse contato estreito, por sinal, que nasceu o relato que integra a grande reportagem.

Com um tempo curto para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso, as entrevistas começaram somente entre o fim de Outubro e Novembro de 2017. Grande parte das entrevistas foi combinada e realizada de maneira *online* — via e-mail, aplicativo Messenger do Facebook, aplicativo de conversas WhatsApp e aplicativo de fotografias Instagram — uma

vez que, para diversificarem as entrevistadas, as autoras tiveram que expandir o leque de opções de fontes para outros Estados do Brasil.

As primeiras entrevistadas foram as próprias drag queens, já que o mais importante seria dar a visão delas sobre o assunto e, a partir disso, aprofundar a discussão sobre ele. Todas as drag queens com quem as autoras conversaram aceitaram na hora o convite para participar da reportagem e reafirmaram como a visibilidade é algo indispensável no combate ao preconceito.

O contato com grupos de drag queens foi crucial para a reunião de fontes. O “Soul Drag” (Bauru, SP) foi extremamente solícito e forneceu os contatos de suas artistas, enquanto que a DragTherapy.org (São Paulo, SP) abriu as portas para o acompanhamento de um evento na capital paulista. Durante o evento em São Paulo, outro coletivo abriu os braços para o trabalho, o Heteronormadiva.

Ao final, as fontes entrevistadas foram:

- Alma Negrot – drag queen do Drag-se, membro-fundadora do coletivo de artistas Queerida, artista;
- Caio Riscado – integrante do grupo de teatro Miúda e doutorando em criação colaborativa com foco no estudo dos gêneros não-binários (além do feminino e do masculino);
- Caroline Gomes – Mestre em Design pela Faculdade de Arquitetura Artes e Comunicação, produziu sua dissertação com a temática de moda e mulheres trans;
- Jessie – drag queen do Soul Drag Bauru;
- Georgia Herrera – drag queen do Soul Drag Bauru;
- Abba Cashier – fundadora do DragTherapy.org, projeto focado na pesquisa, experimentação e promoção da arte drag para fins terapêuticos. Também participa do coletivo Heteronormadiva;
- Nina Codorna – drag queen, youtuber e diretora de arte;
- Patrícia Porchat – Graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1987), mestrado em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (2001) e doutorado em Psicologia Clínica também pelo IPUSP (2007), professora especialista em psicanálise e estudo de gênero;

- Ramona Von Destroyer – drag queen, dona da marca Von Destroyer e participante do coletivo Heteronormadiva;
- Cláudio Bertolli – livre-docente em antropologia pela Unesp de Bauru;
- Samuel Abrantes – Graduação em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mestrado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e doutorado em Semiologia pela UFRJ, professor atuando nos temas criação de figurino, teatro e cinema, drag queen (Samile Cunha);
- Dalila Dias Hayashida – Graduação em Moda pela Universidade Estadual de Maringá, pós-graduação em Marketing de Moda pela Universidade Paranaense (UNIPAR), professora.

Foram elaboradas questões fixas, divididas por segmentações dos entrevistados, as quais foram alteradas em momentos oportunos de entrevistas pessoais e conforme as particularidades de cada fonte. As perguntas base foram:

4.2.1 Perguntas base para as drag queens

- O que é ser drag queen para você?
- Como foi o processo criativo de montagem da sua drag? Você se inspirou em alguma drag específica?
- Como você se define em questão de gênero? (esta para saber por qual pronome tratar a fonte na reportagem)
- O que é moda para você?
- A moda pode influenciar – ou já influencia – na diversidade e na quebra dos papéis de gênero? Se sim, de que maneira?
- Houve influência da moda na construção identitária e política da sua personagem?
- Você considera ser drag queen um ato político? De que forma?
- Existe alguma diferença na sua identidade nos momentos que você está montada para os que está desmontada?
- Há uma relação de estereotipagem do fenômeno drag queen?

4.2.2 Perguntas base para especialistas em cultura LGBT+ e identidade de gênero

- O que é identidade de gênero?
- Onde as drag queens se encaixam?

- A pessoa por trás de uma drag queen não é necessariamente homossexual, certo? Por que as drags se encontraram na comunidade LGBT?
- Ser drag queen é um ato político? Por quê?
- Quais tipos de ações públicas podem ser feitas para que as pessoas se eduquem em assuntos de identidade de gênero e LGBTs em geral?

4.2.3 Perguntas base para especialistas em moda

- O que é moda?
- Como a moda ajuda uma pessoa a estabelecer sua identidade?
- A moda funciona como um ato político?
- Como a moda pode influenciar – ou já influencia – na diversidade e na quebra dos papéis de gênero?
- O fenômeno drag queen é um propagador de moda? Como?

4.3 Equipamentos utilizados

O produto apresentado é uma reportagem multimídia, com texto escrito, vídeo e fotografia. Para sua elaboração foram necessários os seguintes equipamentos: gravador de voz, câmera filmadora, tripé, cartão de memória e computadores, sendo todos de posse das autoras do presente produto.

Um problema apresentado com um dos cartões de memória (de 32GB) prejudicou parte da produção e captação de imagens em vídeo.

Para captação de imagens nas duas entrevistas filmadas (Abba Cashier e Jessie) foram utilizados uma câmera Canon EOS REBEL T5i com lente EFS 18-55mm; os celulares iPhone 7 e iPhone SE, com 32 e 64GB de memória respectivamente. O tripé foi utilizado apenas na entrevista com Abba Cashier.

As duas entrevistas feitas pessoalmente foram tiveram seus áudios captados também pelo gravador SONY ICD-PX333. Os áudios foram utilizados somente para auxílio na redação da reportagem, uma vez que o vídeo foi editado em *time-lapse* e a trilha sonora ('I Will Survive' – Gloria Gaynor) foi adicionada no processo de edição do mesmo.

Um cartão de 32GB, que apresentou problemas ao longo da primeira entrevista (Jessie), interrompendo a gravação de vídeos cerca de 1 minuto e meio após seu início, foi

utilizado para armazenamento de imagens. Ao perceberem o problema, as autoras recorreram a um segundo cartão de memória, com 8GB, para a gravação da segunda entrevista (Abba Cashier). O primeiro cartão não prejudicava o armazenamento de fotografias, apenas de vídeos. Os aparelhos de celular iPhone auxiliaram na captação de imagens quando o cartão de 8GB teve sua memória cheia.

4.4 Custos do projeto

O principal custo do projeto foi em combustível, já que as próprias autoras decidiram diagramar e hospedar o site em domínio gratuito. O vídeo, apesar de uma edição considerada simples, foi editado com a colaboração do aluno de Radialismo Júlio César de Almeida Geraldo. Os equipamentos utilizados já pertenciam às autoras e não foram adquiridos somente para a realização deste trabalho, logo, não entraram na tabela de gastos.

| TABELA DE GASTOS | | |
|-------------------------|-------------------------------------|-------------------|
| Data | Descrição | Valor |
| 18/11/2017 | Pedágios Aco. Brasiliense – Limeira | R\$ 13,50 |
| 19/11/2017 | Pedágios Limeira – SP | R\$ 25,50 |
| 19/11/2017 | Pedágios Limeira – Bauru | R\$ 37,05 |
| Novembro 2017 | Combustível | R\$ 250,00 |
| 05/12/2017 | Edição do vídeo | R\$ 50,00 |
| 08/01/2018 | Logo e infográfico | R\$ 80,00 |
| 08/01/2018 | Impressão do relatório | |
| TOTAL | | R\$ 376,05 |

4.5 Cronograma

| | Ago/ 2017 | Set/ 2017 | Out/ 2017 | Nov/ 2017 | Dez/ 2017 | Jan/ 2018 |
|--|----------------------|----------------------|----------------------|----------------------|----------------------|----------------------|
| Definição de tema | X | X | | | | |
| Pesquisa bibliográfica e documental | | X | X | X | | |
| Elaboração da pauta | | | X | | | |
| Pesquisa de fontes | | X | X | X | | |
| Entrevistas | | | X | X | | |
| Captação de vídeos e áudios | X | | | X | | |
| Redação do relatório | | | X | X | | |
| Redação da reportagem | | | | X | X | |
| Edição do relatório | | | | X | X | |
| Edição da reportagem | | | | X | X | |
| Edição de vídeos e fotos | | | | X | X | |
| Elaboração do projeto gráfico | | | | X | X | |
| Elaboração do layout do site | | | | X | X | X |
| Revisão geral | | | | | X | X |
| Defesa do TCC | | | | | | X |

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As primeiras ideias para este projeto experimental sempre rondaram as questões de gênero, moda e drag queens. Chegamos com a sugestão de tema sobre moda e identidade de gênero para nossa orientadora, que nos questionou sobre que aspectos iríamos acrescentar à temática que não fosse ser “mais do mesmo”. Refletindo, chegamos em nossa segunda ideia, que pautava drags periféricas. Tínhamos já algum conhecimento teórico e algumas fontes listadas, porém, a pauta também não parecia ser algo tão palpável. Por fim, conseguimos unir o pensamento inicial, que envolvia moda, com as drag queens de uma maneira inovadora: a caracterização dessas personagens como instrumento político na discussão da identidade de gênero, da igualdade e do fim da discriminação e do preconceito.

O andamento do projeto nos permitiu ter contato com um mundo cheio de novidades para as duas autoras. Esse novo convívio trouxe também um maior ‘tato’ nos momentos em que tínhamos que lidar com questões não tão claras e não do nosso cotidiano, como os tratamentos de gênero, se iríamos lidar com a personagem ou o criador e não assumir opiniões formadas por estereótipos. Aprendemos também que os princípios de uma drag queen podem ser aplicados não só em situações sociais ou de diversão, mas também em uma visão mercadológica, como nos disse uma das entrevistadas, Abba Cashier.

Uma das nossas principais dificuldades enquanto construíamos o projeto foi a falta de estudos acadêmicos que colocassem as drag queens como protagonistas. Não só a parte de pesquisa bibliográfica, mas também encontrar especialistas em moda que tratassem especificamente de drag queens e pudessem falar sobre o assunto com propriedade.

Tivemos dificuldades também durante o processo de captação de fontes. A maioria dos contatos que fizemos com as drag queens foi por meio de aplicativos online, sendo possível a realização de somente duas entrevistas pessoalmente, o que acabou interferindo diretamente na produção de conteúdo multimídia. Acreditamos que a principal causa disso foi o fato de estarmos em Bauru, distante de São Paulo, cidade com uma forte cultura drag. Pudemos ir para a capital do estado apenas uma vez, para uma entrevista específica, sem tempo de explorarmos o cenário drag da cidade.

O tempo, inclusive, foi curto. Com as questões iniciais sobre a temática, perdemos cerca de um mês e meio de produção. Isso afetou diretamente, pois, em questão de

reportagens, acreditamos que, com maior tempo, conseguiríamos lidar com o assunto de maneira mais abrangente e profunda, já que existem muitas camadas a serem abordadas.

Com as fontes que conseguimos contato, não tivemos problemas, todos foram muito solícitos e abertos ao tema. O *Instagram* foi o principal canal de conversas, já que o conteúdo drag é muito rico e amplamente divulgado no aplicativo. O projeto fotográfico *The Drag Series* foi importante para a prospecção de fontes.

Apesar de todas as dificuldades – que incluíram um dos notebooks usados apresentar falhas técnicas duas semanas antes da entrega do projeto –, foi uma experiência enriquecedora e agradável, já que a temática foi tratada pelos entrevistados com leveza, carinho e bom humor.

A experiência resultou em um trabalho que acreditamos ser informativo em várias questões, tanto para pessoas da comunidade LGBTQ+ que têm um certo preconceito com as drag queens, quanto para qualquer outra pessoa que se interesse pelo assunto. Além do que, a temática da moda atrai todo um nicho que nem sempre se insere nas comunidades LGBTQ+ e das drags. Esperamos conseguir também, de alguma maneira, propor reflexões a respeito de formação de identidade e consumo, bem como abrir a mentalidade das pessoas para que elas saibam que, se desejarem, podem navegar entre espectros de gênero, personagens, cor e qualquer outra coisa que quiserem, sem deixar de lado sua essência.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Dudu. **Quando drag é um ato político.** Disponível em: <<http://acoisatoda.com/2015/11/10/quando-drag-e-um-ato-politico/>>. Acesso em 20 de setembro de 2017.

ASSOCIAÇÃO Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos. **Manual de Comunicação LGBT.** ABGLT, 2010. Disponível em <<https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2015/09/Manual-de-Comunica%C3%A7%C3%A3o-LGBT.pdf>>. Acesso em 14 de agosto de 2017.

BELMIRO, Daniele. **Reality show americano inspira nova geração de drags no Brasil.** Rio de Janeiro: BBC Brasil, 2016. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160202_drag_queens_db_ab>. Acesso em 22 de outubro de 2017.

BERGAMO, Alexandre. O campo da moda. **Revista de Antropologia**, São Paulo, vol. 42, n.2, 1998. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77011998000200005>. Acesso em 20 de setembro de 2017.

CAPITAL, Carta. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/revista/841/como-o-efeito-rupaul-colocou-drag-queens-na-moda-1956.html>>. Acesso em 8 de agosto de 2017.

BURIGO, Joanna. **Uma reflexão sobre “RuPaul’s Drag Race”.** São Paulo: Carta Capital, 2016. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/uma-reflexao-sobre-rupaul2019s-drag-race>>.

CALANCA, Daniela. **A história social da moda.** Editora Senac, 2008.

COSTA BUENO, Wilson da; SANTOS, Marli dos. **Jornalismo especializado no Brasil: teoria, prática e ensino.** São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2015. Disponível em <<http://editora.metodista.br/publicacoes/jornalismo-especializado-no-brasil>>.

DAMASCENO, Cecilia; SILVA, Thiago. **Reportagens multimídia: técnica do "Snowfall".** Rio de Janeiro: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Disponível em: <<aconvergenciaemcena.blogspot.com.br/2015/12/reportagens-multimidia-tecnica-do.html>>.

DORFLES, Gillo. **Modas & Modos.** Edições 70, 1990.

FOX, Lorelay. **É drag ou é trans?.** Canal Para Tudo. Youtube, 2015. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=-rjhiwffVwI>>. Acesso em 16 de outubro de 2017.

GGB, Grupo Gay da Bahia. Relatório 2016: **Assassinatos de LGBT no Brasil**. Bahia: GGB, 2016. Disponível em: <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/01/relate3b3rio-2016-ps.pdf>>. Acesso em 15 de junho de 2017.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília: Autor, 2012. Disponível em: <https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989>. Acesso em 29 de maio de 2017.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record. 2001.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo. Companhia das Letras, 1989.

MACHADO, Elias. **O ciberespaço como fonte para os jornalistas**. Bahia: Autor, 2003. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt/pag/machado-elias-ciberespaco-jornalistas.pdf>.

MADI DIAS, Diego. **Brincar de gênero, uma conversa com Berenice Bento**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332014000200475>.

MALERONKA, André. **Bate-papo com André Maleronka (VICE Brasil)**. Bauru: Universidade Estadual Paulista, Semana de Jornal 2017, 28 de novembro de 2017. (Comunicação pessoal)

ORGANIZAÇÃO das Nações Unidas. **Nascidos Livres e Iguais: Orientação Sexual e Identidade de Gênero no Regime Internacional dos Direitos Humanos**. Tradução livre pela UNAIDS Brasil. Brasília: ONU, 2013. Disponível em: <http://www.onu.org.br/img/2013/03/nascidos_livres_e_iguais.pdf>. Acesso em 15 de junho de 2017.

PINHONI, Marina; REGADAS, Tatiana; LIMA, Thaís. **De RuPaul a Pablllo Vittar: as drag queens ganham o pop, a TV e as gírias**. São Paulo: G1 Globo, 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/de-rupaul-a-pablllo-vittar-as-drag-queens-ganham-o-pop-atual-a-tv-e-as-girias.ghtml>>.

PINHONI, Marina; REGADAS, Tatiana; LIMA, Thaís. **Drag queen é uma questão de gênero?** São Paulo: G1 Globo, 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/drag-queen-e-questao-de-genero.ghtml>>.

PINHONI, Marina; REGADAS, Tatiana; LIMA, Thaís. **Drag queens: a história da arte por trás de homens vestidos de mulher**. São Paulo: G1 Globo, 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/drag-queens-a-historia-da-arte-por-tras-de-homens-vestidos-de-mulher.ghtml>>.

PLAY, Globo. **Amor & Sexo - Programa do dia 02/03/2017, na íntegra**. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/5695481/>>. Acesso em 27 de novembro de 2017.

SCHWINGEL, Carla. **Ciberjornalismo**. São Paulo: Paulinas. 2012.

STYLE, Girls With. **A relação cada vez mais forte da moda com o universo das drag queens**. Disponível em <<http://www.gwsmag.com/a-relacao-cada-vez-mais-forte-da-moda-com-o-universo-das-drag-queens/>>. Acesso em 14 de setembro de 2017.

SVENDSEN, Lars. **Moda: uma Filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

VIEIRA, Willian. **Graças a RuPaul, drag queens estão na moda**. Carta Capital, 2015. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/revista/841/como-o-efeito-rupaul-colocou-drag-queens-na-moda-1956.html>>. Acesso em 10 de outubro de 2017.

ANEXOS

Anexo 1 – Pauta da grande reportagem “Mascaradas”

- **Introdução**

Moda vai muito além de vestuário. É mercado, A maioria das pessoas enxerga moda como um mundo glamouroso e consumista, o que não deixa de ser verdade. Em *Modas & Modos*, Gillo Dorfles fala sobre o homem não ser verdadeiramente ‘natural’ a menos que em seu corpo tenha algo (roupa, uniforme, máscara, tatuagem, mutilações, deformações virtuais etc) que possibilitem a diferenciação do próprio eu dos outros e a personalização do através de elementos que acrescentem ao corpo. Moda é, portanto, identidade.

Pode-se observar que, recentemente, a moda vem tentando romper a dicotomia existente entre vestuário masculino e feminino, buscando o ‘agênero’. Mas tal divisão ainda é muito presente na sociedade, que tende a olhar com estranheza e preconceito para aqueles que fujam do padrão estabelecido como ‘normal’. E as Drag Queens são algumas das pessoas que sofrem com esse olhar ‘torto’.

As Drag Queens são um tipo de transformistas. Conhecidas por usarem roupas femininas de maneira satírica e extravagante, são definidas e identificadas pelos seus looks, quebrando padrões de gênero e, atualmente, levando a feminilidade extrema de volta para o meio da escala entre feminino e masculino. Em meio a toda essa moda e maquiagem, as drags deixam claro que o seu papel principal passa a ir muito além do consumo e da representação, tornando-se, assim, agentes políticos.

- **Fontes da pauta**

Casa dos Criadores - evento lançador de novos estilistas brasileiros

Walério Araújo - estilista (11) 99723 – 8383 e (11) 3258-7665

Fernando Cozendey - estilista

Rebecca Fox - Drag Queen youtuber

Sarah Vika - Drag Queen youtuber

Caio Riscado - integrante do grupo de teatro Miúda e doutorando em criação colaborativa com foco no estudo dos gêneros não-binários (além do feminino e do masculino); Alma Negrot - Drag Queen do Drag-se

Pandora Yume - Drag Queen do Drag-se (usa barba)

Robson Rozza - Drag Aretha Sadick/estudante de moda

Johnny Hooker - cantor, utiliza maquiagem mas não é drag

Pabllo Vittar - Drag Queen cantora

Lia Clark - Drag Queen cantora

Manual de Comunicação LGBT, realizado pela Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais

UFSCar: grupo de pesquisa em Diferenças, Gênero e Sexualidade

Larissa Pelúcio - professora

Caroline Gomes - mestre em design

- **Hipótese (ideia mestra/ ideia de narrativa)**

O vestuário e a moda usados pelas drag queens podem ser elementos as tornem delas agentes políticos contra o preconceito e discriminação que sofrem por simplesmente fugirem do que é visto como 'normal' pela sociedade.

A ideia central da reportagem é detalhar a moda de maneira cronológica, explicando o conceito, o que faz, seu significado e, a partir disso, encaixar a "moda drag" e todas as suas nuances. Explicar conceitos de gênero e ideias políticas do movimento LGBT, inclusive expor quais as razões que levam o movimento drag a esse núcleo e o que elas fazem por ele. O principal motivo é destrinchar essa temática para que fique claro como as drag queens se tornaram grandes agentes políticos para a quebra de discriminação e preconceito.

2) Observação:

- **foco** (temporal, conceitual, espacial e fontes)
- **enfoque** (por onde entro na reportagem)

FOCO:

Macroambiente Como é a questão da moda drag queen no mundo? Existe o 'padrão moda drag queen'? Qual a influência do reality show Ru Paul's Drag Race no cenário drag atual?

Microambiente - Qual a relação e o papel da moda no universo drag brasileiro? Se existe um 'padrão moda drag', ele se aplica ao Brasil?

Ambiente - o montar-se drag, com influências da moda, como agente político contra discriminação e preconceito. Drags no cenário da militância

Nanoambiente - drags do Estado ou locais (Bauru etc) como difusores de uma moda drag e como agentes políticos

ENFOQUE (definir 1 chave): O "estar drag" como ato político.

3) Descrição (criatividade jornalística, recursos narrativos, tabelas e infográficos)

Utilizar recursos fotográficos e audiovisuais, que retratem o 'estar drag' e o papel da moda dentro deste universo. Depoimentos das próprias drags e produtores de shows gravados em vídeo que poderiam ser disponibilizados em plataformas como o YouTube.

Fazer também o uso de infográficos que casem com a temática.

Criação de um "croqui" (esboço/rascunho) interativo.

4) Possíveis desfechos

- Drag queen ser agente político que tem, na moda, a possibilidade de expressão e luta contra os preconceitos que sofre. O sucesso mundial de Drag Queens na mídia. Pabllo Vittar, por exemplo, já foi em programas da emissora Rede Globo diversas vezes em horários nobres, mostrando que o objetivo de quebra de tabus é real e está sendo executado.
- O Brasil é o país que mais mata travestis no mundo. Isso quer dizer que, embora drag queen não sendo travesti, o preconceito contra a comunidade LGBT ainda é caso urgente no país, mesmo com progresso sendo feito e espaços sendo ganhos. A moda e as roupas utilizadas pelas drags, além de representarem as identidades e de ser uma maneira de expressão, atrai atenção - inclusive atenções indesejadas, como as de pessoas preconceituosas e violenta - o que seria também um perigo para as mesmas.

Anexo 2 – Pauta da matéria “Não seja só uma drag, seja uma rainha”

Tema: Drag queens - o conceito e a história por trás dos homens que se vestem de mulher

1. Construção dos elementos:

• Introdução

Antes de falar sobre a relação da moda e do vestuário das drag queens com a questão de gênero e identidade, é importante conceituar quem são as drag queens, o que elas fazem e de que maneira o fazem. Por tal razão, a matéria introdutória da grande reportagem “Mascaradas” deve abordar o significado do termo drag queen, dar um panorama dos possíveis estilos de queens que existem, bem como diferenciar, de maneira breve, as queens de travestis e transexuais para que o leitor consiga entender onde as queens se encaixam dentro do universo de lésbicas, gays, travestis e transexuais (LGBT+).

É importante também para a reportagem “Mascaradas” trazer a relação atual entre drag queens e a mídia, bem como a relação das mesmas com o mundo fashion.

• Hipótese (ideia mestra/ ideia de narrativa)

O universo drag queen parece ter sofrido um ‘boom’ nos últimos anos, desde o lançamento do reality show *RuPaul’s Drag Race*. Porém a história das performances femininas realizadas por homens surgiu há mais de um século. A ideia central da pauta é situar o leitor, trazendo a história da arte drag e mostrando as mudanças que se deram até agora. Cabe à repórter mostrar no texto que as queens foram abrindo espaço no cinema, na televisão, em desfiles e no comércio.

2. Observação:

ENFOQUE (definir 1 chave): O processo de montagem de uma drag.

O resgate da história das queens virá por meio de pesquisas, então é importante que a repórter leia bastante conteúdo sobre as artistas, para trazer ao leitor a maior quantidade de informação possível.

Por ser uma introdução ao assunto abordado de maneira geral em “Mascaradas”, é uma matéria-chave.

3. Descrição (criatividade jornalística, recursos narrativos, tabelas e infográficos)

Utilizar recursos fotográficos que revelem um pouco do passado das queens, interações com os mais diversos meios e queens conhecidas atualmente.

Para falar sobre estilos de drag, seria interessante um infográfico que abordasse as diferenças entre eles.

A repórter pode colocar indicações de filmes para que o leitor possa se aprofundar no assunto.

Anexo 3 – Pauta do relato “O importante é ser você, mesmo que seja bizarro”

Tema: O processo de montagem de uma drag queen e todas as suas camadas

1. Construção dos elementos:

• Introdução

A montagem de uma drag leva algumas horas para ser concluída. Demanda concentração, dedicação e paciência. Isso pode ser levado para vários campos: arte, psicologia, terapia.

A partir disso, algumas perguntas devem ser respondidas: a personalidade da drag se sobrepõe à personalidade do indivíduo por trás dela? As expressões faciais, a timidez, o modo de falar e a interação com as pessoas torna-se diferente já durante o processo de montagem? Seria a drag uma representação, uma mera personagem executando vários papéis? A drag poderia ser uma máscara, camuflando dilemas internos e representando um momento de liberdade do 'eu' do criador?

• Fontes da pauta

Georgia Herrera

Ramona Von Destroyer

Cláudio Bertolli

Abba Cashier

Patricia Porchat

Jessie

• Hipótese (ideia mestra/ ideia de narrativa)

O processo do “se montar” de uma drag pode ter vários significados. A ideia central da reportagem, é que o autor relate (em 1ª ou 3ª pessoa) o que percebeu em relação ao comportamento das drags acompanhadas enquanto se montava, maquiava e vestia. Poderá ser dado destaque para um personagem.

É importante que, além do relato, a matéria explique um pouco sobre o que é ser drag queen e, também, o conceito de *DragTherapy*. Como um todo, a matéria será uma entrada para o interior de uma drag, do psicológico e do coração da personagem.

2) Observação:

ENFOQUE (definir 1 chave): O processo de montagem de uma drag.

Acompanhar o processo de montagem pode ser muito esclarecedor, então o repórter deverá relatar este processo. O relato será parte importante da reportagem, visando trazer para os leitores a experiência de ver a mudança dos trejeitos, modo de falar, timidez e interação do indivíduo como drag.

3) Descrição (criatividade jornalística, recursos narrativos, tabelas e infográficos)

Utilizar recursos fotográficos que mostrem o antes e depois da montagem dessas drag queens. Criar um vídeo em timelapse do processo de montagem de uma das drags (Abba Cashier) para que fique claro todos os passos e diferentes estágios.

Anexo 4 – Pauta da matéria “You better work, girl!”

Tema: A relação entre a moda e a identidade drag queen

1. Construção dos elementos:

- **Introdução**

O processo de criação de uma persona queen envolve buscar referências em artistas ou não, do mundo da música, da moda, do design, da fotografia, das artes visuais para compor a personalidade e o estilo da mesma. Conforme a performance, uma drag queen pode, às vezes, ter muitos processos criativos. A reportagem busca, portanto, conhecer algumas dessas influências e mostrar como uma queen faz uso delas para montar sua persona.

Tendo a moda como norte, busca-se entender se a moda desfilada nas passarelas tem influência no estilo pessoal dessas queens ou vice-versa. Por utilizarem elementos do vestuário feminino, como saias, vestidos, colares, brincos, decotes e espartilhos, as queens tangenciam a questão da binaridade de gênero masculino/feminino e, como parte do movimento LGBTQ+, despertam a discussão acerca de identidade e gênero. Para as drags, o vestuário é um elemento importante na constituição da personagem, assim como para sua expressão.

O ato de performar, para as queens, está mais ligado a uma profissão ou uma diversão, mas nem por isso é vazio de significado político. Nem toda drag queen é, necessariamente, militante da causa LGBTQ+, mas há aquelas que utilizam a sua persona para lutar pelos seus direitos e exercer sua cidadania. A reportagem deve, assim, buscar estimular um debate sobre a quebra da binaridade de gênero.

- **Fontes da pauta**

- Abba Cashier
- Alma Negrot
- Caio Riscado
- Cláudio Bertolli
- Dalila Dias Hayashida
- Nina Codorna
- Patrícia Porchat
- Ramona Von Destroyer
- Samuel Abrantes (Samile Cunha)

- **Hipótese (ideia mestra/ ideia de narrativa)**

Os criadores das drag queens, ou seja, os homens por trás dessas artistas, buscam inspirações diversas para montarem sua personagem e se diferenciar das queens já existentes. Cabe à repórter trazer essas referências na matéria, mostrando como as drag queens acabam tangenciando com a moda e conhecidos estilistas, seja como referência para os mesmos ou buscando neles a referência para suas performances.

É importante que a matéria traga a questão da diversidade e da quebra da binaridade de gênero, mostrando como as drag queens podem ter posicionamento político e lutar contra o preconceito e a discriminação, bem como a favor dos direitos da população LGBTQ+.

2) Descrição (criatividade jornalística, recursos narrativos, tabelas e infográficos)

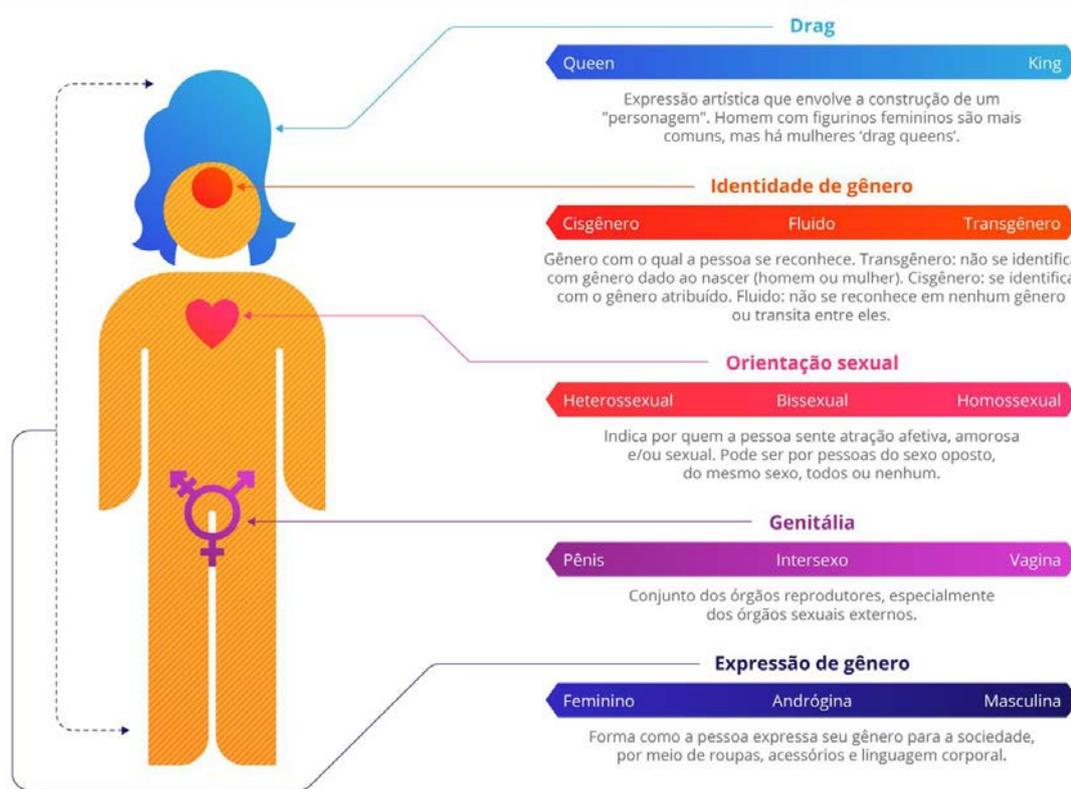
Fotografias que retratem os diferentes estilos de queens entrevistadas e as suas inspirações; Imagens de drag queens participando ativamente do universo da moda.

Anexo 5 – Infográfico da plataforma G1

O infográfico sobre Sexualidade e Gênero, publicado pelo site G1 na reportagem *Drag queen é questão de gênero?*, da editoria Pop&Arte serviu de inspiração para o infográfico elaborado por Anna Carolina Satie para a grande reportagem *Mascaradas*. É possível conferir o infográfico em tamanho maior em <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/drag-queen-e-questao-de-genero.ghtml>> .

Sexualidade e gênero

Drag queen é uma expressão artística independente de identidade de gênero ou orientação sexual. Entenda.



Fonte: Manual de Comunicação LGBTB da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Travestis e Transexuais e Caderno Globo 12 - Corpo: Artigo indefinido

Infográfico elaborado em: 04/10/2017



(Foto: Editoria de Arte/G1)

Anexo 6 – Reportagem “Não seja só uma drag, seja uma rainha” (por Giovana Romania e Mariana Pellegrini)

As drag queens são, de acordo com o Manual de Comunicação LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) elaborado pela Associação Brasileira de Gays, Lésbicas,

Travestis e Transexuais - ABGLT, homens que se vestem com roupas tidas como femininas de maneira satírica e extravagante para exercício da profissão em shows e outros eventos.

Drag queen, ainda segundo o *Manual*, não deixa de ser um tipo de 'transformista' - indivíduo que se veste com roupas do gênero oposto com fins artísticos -, com a diferença de que a produção das *queens* necessariamente privilegia o humor e o exagero para apresentações e performances. A questão da identidade de gênero, portanto, não é central na postura drag e a "montagem", isto é, o resultado do ato de se produzir artisticamente e que inclui maquiagem e vestir-se de maneira específica, é mantida durante algumas horas do dia ou da noite apenas, ou seja, a experiência de se caracterizar como drag queen não é vivenciada em tempo integral.

O ato de se montar, se produzir e se transformar é o que significa o drag. Se é queen ou king, depende de a pessoa se vestir de maneira 'feminina' ou 'masculina', respectivamente. O conceito de drag se aproxima do de *cross-dressing* (uso de acessórios e roupas associados ao sexo oposto) pela funcionalidade, sendo que este último, para alguns grupos, chega a tangenciar o conceito de travesti, ainda que seja mais comumente empregado no caso de homens que se vestem como mulheres para satisfação emocional ou sexual momentânea, nem sempre buscando reconhecimento ou tratamento de gênero.

A inversão de gênero, tanto para as queens quanto para as drag kings - mulheres que se vestem com roupas masculinas para fins artísticos e/ou de trabalho - tem como mote a diversão, o entretenimento e o espetáculo e não se relaciona diretamente com questões identitárias. É por isso que drags se distanciam das travestis e de homens e mulheres transexuais, que buscam identidade e reconhecimento de gênero.

Mas não é por receberem a mesma denominação que todas as queens são iguais. Diferentes estilos e influências se refletem na performance e na persona, por isso é válido dizer que, entre elas, os estilos recebem diferentes denominações:

ESTILOS DE QUEENS



Caricata

são as que se caracterizam por uma maquiagem mais exagerada, de cores não combinantes, mais engraçadas. Procuram, de maneira proposital, ficar não bonitas e têm trejeitos escrachados, com gestos largos e risadas altas



Andrógina

são as que transitam entre os estereótipos masculino e feminino; são uma mistura dos dois



Miss

são as preocupadas em manter o corpo ereto, com gestos delicados e fluidos, sustentando um sorriso no rosto. Elegância e portar-se de maneira fina e delicada são alguns de seus objetivos, assemelhando-se às misses



Drag King

são mulheres que se vestem de homem, para performances artísticas



Tranimal

são as que, por meio das maquiagens e acessórios - como galhos - que adicionam ao corpo e às roupas, tentam se parecer o mínimo possível com seres humanos, por isso buscam inspiração nas estéticas punk e surrealistas



Fishy

são as que procuram se parecer o máximo possível com mulheres

Fotos: Pinterest | infográfico: Mariana Pellegrini Bertacini

Shantay, you stay

Agora que você já sabe o que é uma drag queen e o que ela faz, você está preparado para conhecer um pouco sobre sua história. Pode-se dizer que os primórdios da ideia de drag queen surgiu na Grécia Antiga, junto com o teatro grego, seus atores e seus personagens. A encenação dos papéis era restrita aos homens que, para a representação de personagens femininos, se transformavam.

Foi só a partir do século XIX que as mulheres passaram a ser mais ativas na cena teatral, embora homens performando papéis femininos ainda tivessem mais prestígio. Uma personalidade de destaque na época foi Madam Pattirini (persona do norte-americano Brigham Morris Young, filho do fundador da Associação de Moços da Igreja Mórmon, Brigham Young), cantora que apresentava seus falsetes em teatros de Utah, nos Estados Unidos, entre 1885 e o início dos anos 1900.

Com o crescimento da presença das atrizes no teatro no século XX, o vestir-se de mulher por parte de homens mudou: os papéis tornaram-se mais ligados a performances cômicas e a sátiras, e os atores que os representavam passaram a formar uma categoria teatral específica. Assim, a maquiagem exagerada, as vestimentas que parodiavam o estilo da alta sociedade e o humor tomaram conta do cenário drag.

Julian Eltinge, um comediante estadunidense de grande sucesso na Broadway, representou papéis feminino nos palcos dos primeiros anos de 1900. Na época o *vaudeville* era um gênero de entretenimento de destaque nos Estados Unidos e consistia numa sequência de números apresentados pelos mais diversos tipos de artistas, incluindo músicos, dançarinos, comediantes, imitadores de ambos os sexos, entre outros. Foi no *vaudeville* que Eltinge se destacou e sua apresentação, diferente das representações femininas caricatas da época, dava a ilusão de que a figura no palco era realmente uma mulher. Seu sucesso foi tamanho que Eltinge lançou uma revista com dicas de moda e beleza, voltada para o público feminino.



Julian Eltinge em sua persona drag

Foto: Reprodução/Pinterest

Entre as décadas de 1920 e 1930 estavam em ascensão os chamados drag balls, bailes em áreas degradadas de Nova Iorque que faziam grande sucesso entre o público LGBT, marginalizado socialmente tanto quanto estas festas de que participava. Houve uma onda de popularidade dessas festas, que contavam com a presença de queens e o período recebeu o nome de Pansy Craze. Por volta de 1927, o movimento já tinha se espalhado pelo mundo, tendo se instalado em grandes cidades como Nova Iorque, Paris, Londres e Berlim.

Com o surgimento da televisão, o teatro deixou de ser lugar de entretenimento massivo e se tornou espaço de requinte, com destaque para as apresentações musicais. As queens se adequaram ao novo estilo, personificando mulheres de forma mais glamorosa. Os produtos para maquiagem por elas usados passaram a ter maior qualidade e, com a montagem, as queens tendiam a se parecer mais com as mulheres. Foi nessa mesma época, a partir da segunda metade da década de 1950, que começaram as imitações queens de ícones do cinema e da música.

Os anos 1960, em pleno período do movimento da contracultura, uma queen se destacou no cinema. Harris Glenn Milstead, mais conhecido como a persona Divine, foi a grande inspiração do cineasta John Waters. Divine tornou-se parte do elenco regular dos filmes de Walters e estrelou *Mondo Trasho* (1969), *Multiple Maniacs* (1970), *Pink Flamingos* (1972) e *Female Trouble* (1974). A figura de Divine foi tão relevante que sua vida inspirou os documentários *Divine Trash* (1998) e *I Am Divine* (2013).



Divine

Foto: Reprodução/Pinterest

Figuras como ela movimentaram o cenário drag nos Estados Unidos e, em 1984, o país foi palco da primeira edição do Wigstock, que passaria a ocorrer anualmente. Queens do mundo todo foram para Nova Iorque participar do festival ao ar livre. A última edição do evento aconteceu em 2005 e ele foi tema do documentário: *Wigstock: The Movie* (1995), dirigido por Barry Shils.

Ainda que a temática do homem travestido tenha alcançado exposição mundial com o sucesso cinematográfico *Quanto mais Quente Melhor*, de 1959, estrelado pela icônica atriz Marilyn Monroe e pelos astros Tony Curtis e Jack Lemmon, que se vestiam de mulher para escapar de assassinos, foi a década de 1990 que figurou como um momento simbólico e representou tempos de mudanças para as queens. Um dos fatores foi o sucesso mundial de *Priscilla, a Rainha do Deserto* (1993), filme australiano de Stephan Elliott que conta a história de duas drag queens e uma transexual artistas que pretendem atravessar o deserto australiano para se apresentarem em um resort em Alice Springs. O longa trata questões como preconceito, paternidade, discriminação e violência contra o homem que se traveste e foi um marco no cenário LGBT, além de ter conquistado 21 prêmios - dentre eles as honrarias máximas do cinema e do teatro, com as estatuetas do Oscar e do Tony Awards de melhor figurino.

Notando o fenômeno que foi *Priscilla*, Hollywood tratou de produzir um filme semelhante, mas que se passasse nos Estados Unidos. Assim surgiu *Para Wong Foo, Obrigado por Tudo, Julie Newmar* (1994), de Beeban Kidron, que narra a história de duas drag queens que conhecem uma travesti durante uma competição e juntas viajam pelo interior dos EUA. O filme é estrelado por Wesley Snipes, Patrick Swayze e John Leguizamo.

Se atualmente pode-se falar numa maior visibilidade do mundo performático das queens, a ponto de elas figurarem até mesmo em produções da mídia hegemônica, boa parte dos créditos por isso deve ser dada a esses filmes, pois foi a partir dessa época que as performers começaram a ganhar mais espaço na cultura pop.

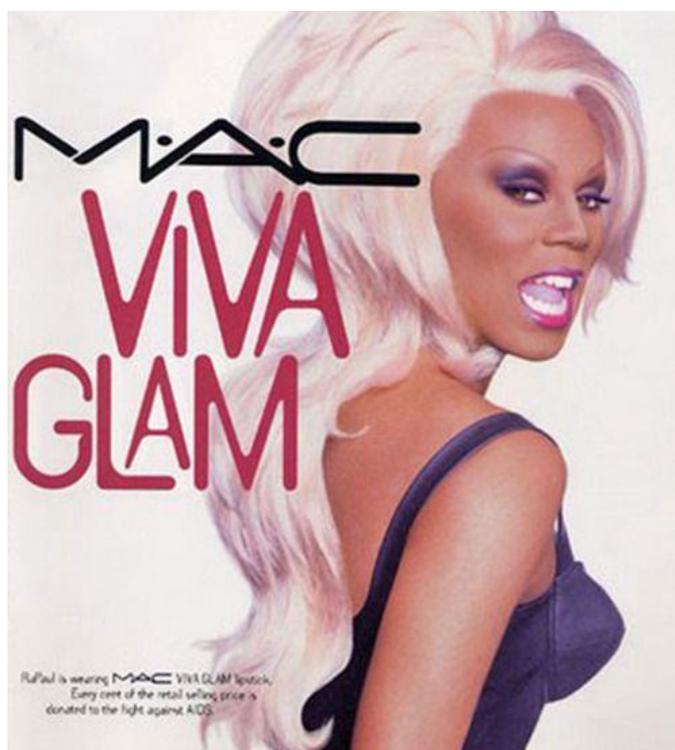


"Priscilla, a rainha do deserto" (1993) e "Para Wong Foo, Obrigado por Tudo, Julie Newmar" (1994)
Foto: Reprodução//Publicity Picture e Pinterest.

Outra grande peça nesse jogo de luzes é RuPaul Charles, popularmente conhecido como RuPaul, talvez a queen mais famosa dos últimos tempos. RuPaul começou a performar em clubes de Manhattan, em Nova Iorque, no começo dos anos 1990. Ao longo de sua carreira, foi vocalista da banda de rock Wee Wee Pole, coroada Queen de Manhattan em 1989, e atingiu reconhecimento internacional com a música *Supermodel (You Better Work)*, gravada em dueto com o cantor Elton John, em 1993. RuPaul foi ainda, durante sete anos primeiro 'rosto' das campanhas publicitárias da multinacional marca de cosméticos M.A.C., e atualmente é produtora e apresentadora do reality-show *RuPaul's Drag Race*, o qual já ganhou dois *Emmy Awards*. O sucesso do programa rendeu a RuPaul licenciamento de produtos como bonecas, cosméticos, fragrâncias, chocolates e até um jogo de videogame.

O Brasil acompanhou o cenário internacional impactado pelos sucessos de *Priscilla e Para Wong Foo*: queens das noites gays paulistana e carioca despontaram como celebridades e, fora dos clubes e boates, passaram a ter destaque em revistas, colunas sociais e programas de televisão. A partir dos anos 1990 nomes como Silvetty Montilla, Márcia Pantera, Nany People, Paulette Pink e Cindy Babado tornaram-se conhecidos e conquistaram *status*. A televisão foi importante para dar fama às performers: Nany People, por exemplo, foi repórter no programa de Hebe Camargo, no SBT.

As queens foram favorecidas pelo crescimento da internet e das redes sociais, fortalecendo sua presença na cultura pop. Hoje elas estão na televisão, no mundo da música, nos canais do YouTube e têm aparecido em desfiles e campanhas de moda de marcas como M.A.C, Marc Jacobs, Jeremy Scott, Betsey Johnson e até numa versão 'transformista' da icônica boneca de plástico Barbie. No cenário nacional, estilistas como Alexandre Herchcovitch, Walerio Araújo e Fernando Cozende vestem queens nas noites e também nas passarelas.



RuPaul para M.A.C.

Foto: Reprodução/Pinterest

Na área musical, os trabalhos artísticos de algumas performers também estão recebendo mais destaque na mídia. Pablllo Vittar, queen cantora mais conhecida no Brasil desde que sua música *Todo Dia* foi lançada e vista como um dos hits do carnaval de 2017, tem 6 milhões de seguidores no Instagram e mais de 3,4 milhões de ouvintes mensais na plataforma de músicas Spotify - inclusive seu primeiro álbum, *Vai Passar Mal*, foi o terceiro mais baixado na plataforma *iTunes* e nove das dez músicas do álbum estiveram entre as 50 mais tocadas do *Spotify*, tudo isso só na primeira semana após o lançamento. Desde então Vittar já foi rosto da marca de cosméticos Avon e at[e apareceu em campanha publicitária da Coca-Cola: ao lado de outros oito artistas, teve seu rosto estampado nas latinhas do refrigerante. Realidade de sucesso semelhante é compartilhada pela queen Gloria Groove, que é representante do movimento da periferia na arte performática e traz o movimento para dentro de suas músicas.

Se hoje se percebe uma visibilidade maior para essa forma de manifestação artística, inclusive ocupando espaços em programas de forte apelo popular ou em líderes de audiência na televisão, pode-se questionar até que ponto a caracterização específica da montagem, com uso de vestuários, maquiagens, perucas e trejeitos próprios, constitui em uma determinada identidade social e permite que se fale até mesmo em uma 'cultura drag', ainda que não se possa dizer que as queens tenham estilos e gostos iguais, pois, afinal, muitas podem até ser bem parecidas, mas não são idênticas.

Anexo 7 – Reportagem “O importante é ser você, mesmo que seja bizarro” (Por Giovana Romania)

“Drag queen” nunca foi uma temática tão recorrente nos meus pensamentos. Claro que já vi muitas delas ao longo da vida, mas se alguém me perguntasse na lata “o que é uma drag queen?” talvez eu não soubesse muito bem por onde começar a responder. É um homem vestido de mulher, como diz o dicionário, mas às vezes não. É uma representação de uma feminilidade extrema, mas às vezes também pode não ser. Em meio a tantas dúvidas, o caminho mais fácil era perguntar diretamente para uma, ou para várias drag queens.

“Eu acredito que ser drag queen é uma arte que te liberta, é uma arte que te permite ser quem você quiser e que não te prende aos gêneros masculino e feminino. Você pode se tornar algo abstrato, algo que fuja da figura humana comum”, diz Georgia Herrera, queen que faz parte do grupo Soul Drag, de Bauru (SP). Já para a estilista Ramona Von Destroyer, o que começou como diversão, agora é profissão. “Ser drag queen atualmente para mim é tudo”, me conta. A Ramona é de São Paulo e tem uma loja chamada Von Destroyer, onde vende suas criações como peças de roupas, acessórios e tudo o que a imaginação puder alcançar. Foi perguntando para essas pessoas e ouvindo suas respostas que percebi como a palavra “arte” é recorrente no universo das drag queens.

Para o professor Cláudio Bertolli, livre-docente em Antropologia da Universidade Estadual Paulista (UNESP), não se pode usar o conceito de 'arte' para se referir à estética e à ação drag sem correr o risco da imprecisão conceitual. “É muito difícil dizer que uma coisa é arte ou não é. Se eu pensar arte como um exercício estético, eu posso afirmar que as drag queens performam arte. Se eu pensar arte como uma estratégia singular para favorecer ou instigar quem consome a obra a questionar o mundo em que vive, será que é? Isso depende muito do individual de cada drag queen e de quais são os objetivos”, afirma o professor. Atualmente, é

muito comum ver drag queens em programas de televisão e no mundo da música, como, por exemplo, o globalmente famoso RuPaul, veterano que domina o meio das queens nos Estados Unidos desde os anos 1990, e, recentemente, a brasileira Pablla Vittar, a qual registrava mais de 3 milhões de ouvintes mensais no *Spotify*, da última vez que chequei. O cenário da música pop é o que claramente tem a maior exposição midiática, mas as queens construíram um mundo quase alternativo, no qual usam seus corpos, roupas, perucas e maquiagem para erigir uma estética particular e chamá-la de 'arte'. A própria Ramona, de quem já falei anteriormente, é um exemplo disso: ela costura roupas, produz acessórios e leva essa estética para o mundo ao comercializar os itens.

Foi perguntando que também descobri que todo processo para se tornar uma drag queen começa com uma influência ou inspiração. Para algumas são as próprias queens que influenciam; para outras, são mulheres que se vestem de forma diferenciada e chamativa, ou seja, fora do comum do que é considerado feminino, com a representação estereotipada da delicadeza e da sensualidade da mulher. A DJ e performer Abba Cashier é britânica e se mudou para o Brasil há pouco tempo. Foi no país, dois anos atrás, que a coragem de se apresentar para o mundo surgiu. Ela me contou que a atriz Uma Thurman foi seu primeiro modelo de inspiração. “Eu sempre gostei muito da [personagem] Hera Venenosa, da Uma Thurman. Principalmente porque eu amo a atriz, acho ela uma pessoa que não é convencionalmente linda. Ela tem um rosto diferente, é super alta e tem aquele pé gigantesco, mas ela tem uma coisa misteriosa que acho muito interessante, super exagerado, dramático. Achei que essa personagem de Thurman não estava se levando a sério, que para mim é um fato de que gosto na arte drag queen”, contou Abba em uma conversa enquanto ela se maquiava antes de mais um evento do seu projeto Drag Therapy.

Antes de eu contar o que é o Drag Therapy, preciso de um momento para descrever Abba: alta, muito alta. Ainda mais depois do salto que colocou. O nome é uma brincadeira com a fruta abacaxi (Abba Cashier), com a banda ABBA e com o emprego de sua mãe (quem trabalha em caixa em inglês é *cashier*). A roupa, feita por ela mesma, consistia em blusa e saia rosas com uma textura que lembrava uma cauda de sereia. Nas pernas uma *legging* com cápsulas de remédio estampadas, peça perfeita para combinar com o logotipo do projeto. Maquiagem feita com olhos bem escuros. Não era perfeita, mas era bem drag queen... pelo menos essa foi a impressão que tive. Para completar o look, um jaleco branco e óculos, partes da personagem que é uma terapeuta.

https://www.youtube.com/watch?v=Ru5JW_ML_Io

Será que não é mesmo uma terapia?

Abba contou que, conforme alguém começa a se montar e a se expor publicamente, é possível que fique conhecido em alguns lugares, seja convidado para entrevistas e a pergunta de “por que você faz isso?” se torne constante. “Isso vem com tanta frequência que ou você tem que preparar uma resposta fixa ou brincar com essa pergunta”, diz. Ela decidiu brincar. “Eu achava que estava sendo engraçado quando falava que era terapia. Aí cada vez que alguém vinha me perguntar, eu dizia ‘nossa, pra mim é terapia’. Só que depois da terceira vez eu pensei ‘será que não é mesmo?’”, conta. O projeto Drag Therapy começou como se fosse um cursinho no final de 2015. Era uma série de rodas de conversa para “ajudar as pessoas a enxergarem os vários pontos que devem ser considerados nos processos de montagem”.

A ideia de Abba, segundo ela, era pesquisar e recolher evidências sobre o fato de a montagem poder fazer bem para a saúde. Além disso, a ideia era também “desenvolver ferramentas e oficinas dinâmicas que possam ajudar pessoas, que talvez nem se montem, a ter os mesmos benefícios”. Em 2017, Abba começou a fazer o que chama de DragLab. “São workshops com temáticas diferentes, alguns ajudam quem está começando a se montar, outros quem já se monta há anos”, explica a queen. Ela pensa em expandir tudo isso, e espera que, já para os próximos anos, o conceito da terapia em que se baseia o projeto chegue em ambientes de grandes empresas, focando na questão da diversidade, ou seja, na oportunidade para pessoas da comunidade LGBTQ+. A proposta é “explicar porque as pessoas se montam, o que elas ganham com isso e porque são coisas que poderiam ajudá-las”, afirma. Afinal, “os princípios drag queen são essa questão de trabalhar um alter ego que, em vários momentos, pode te ajudar, e também de você ganhar seu espaço na cena em que você estiver”, conclui.

De Victor a Jessie

Alter ego. Segundo a professora Patricia Porchat, doutora em psicologia clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) e docente da UNESP, o alter ego é um “eu alternativo”. Logo, “a queen pode ser considerada um alter ego da pessoa”. “Muitas pessoas que se montam têm essa ideia de um novo personagem, além de si próprio”, afirma a psicóloga. Segundo ela, seria uma forma de transgredir aquele papel tradicionalmente desempenhado no meio social em ambientes como o familiar e de trabalho e dele escapar. “Montar-se como drag queen seria uma fuga e uma estratégia para sair dos papéis e, de repente, encontrar uma maneira de expressar e dar vazão a tudo isso”, completa Porchat.

Porchat também acredita que “a queen esteja bastante associada a uma questão estética, de exibição de uma personagem”. Essa personagem seria “a ideia de um reconhecimento de si quanto a uma determinada forma de se expressar”. Então, seria toda aquela maquiagem, peruca, roupa, brilho, glitter e performance apenas uma máscara? Uma desculpa, uma saída, um grito por uma liberdade muitas vezes tirada pelo eu próprio da pessoa?

Comecei esse texto questionando o que são drag queens, passei a visão delas, da arte e até mesmo de terapia. Mas um alter ego, uma personalidade completamente diferente, um personagem, foi tudo isso que eu enxerguei no dia 10 de novembro de 2017, ao acompanhar o processo pelo qual o maquiador Victor Munhoz de 21 anos, virou Jessie. Foi uma daquelas experiências que te dizem muitas coisas, mesmo quando as palavras são poucas. A ideia inicial era fazer uma entrevista enquanto ele se montava para que algumas imagens pudessem ser captadas. Mas, conforme o processo ia se desenrolando percebi que havia algo a mais em tudo aquilo, que ia além da superfície das roupas e da maquiagem. O “tornar-se” drag queen ultrapassava o físico para ser uma mudança interior.

Eu e Mariana, minha companheira de trabalho, chegamos para a entrevista no começo da tarde. Assim que entramos no condomínio onde Victor mora, fomos recebidas por um jovem de 21 anos que naquele momento usava chinelos, bermuda, camiseta e boné pretos. Bem simples, monocromático e comum. Esse era o Victor. Ele nos levou até seu apartamento e lá não pude deixar de notar duas coisas: a coleção de DVDs com temática de terror e a quantidade de maquiagens colocadas sobre a mesa da cozinha/sala.

Com todos acomodados, Victor começou uma jornada que duraria cerca de três horas: a montagem. As sobrancelhas foram as primeiras, pois a pele já havia sido hidratada e limpa antes de chegarmos. A cola de bastão tenta esconder os pelos da sobrancelha real. “Em dias de show eu uso um outro produto, que é parecido com uma massinha. É mais eficaz que a cola”, comenta, em meio ao processo. O pó é substituído pelo talco, “eu prefiro”, diz. Um pouco de cola, um pouco de talco e repete. A sobrancelha parece ser um dos momentos mais complicados. “Uma vez eu estava atrasado e minha mão coçou para pegar a lâmina e raspar minha sobrancelha”, conta.

Terminado o processo de esconder uma, começa o de desenhar outra. Paciência parece ser mais do que necessária (eu provavelmente já teria desistido na cola...). “O meu processo de montagem sempre começa pela sobrancelha e depois o olho, porque daí na hora de fazer a pele eu tenho mais tranquilidade e já posso limpar o que caiu do olho”, explica o maquiador. Ao terminar o desenho da sobrancelha, mais talco e a ação toda se volta para as pálpebras, que aumentaram um pouco de tamanho, já que a sobrancelha subiu um pouco para a testa. A parte mais bruta do olho é feita, dando espaço agora para os contornos e um pouco de base.



Victor se transforma

Foto: Giovana Romania



Victor se transforma

Foto: Giovana Romania

Conforme as formas se afinam e uma parte minuciosa do olho começa, com a aplicação de sombra e detalhes com delineador e lápis, consigo enxergar a Jessie pela primeira vez. Não pela maquiagem propriamente dita. Claro que os traços mais femininos ajudam, mas não é só isso: a maneira como Victor pausa e se olha no espelho mudou. Os movimentos da boca e dos olhos também. É nesse momento que perguntamos: “você consegue enxergar uma diferença clara entre Victor e Jessie?”. A resposta é imediata: “sim”. “Eu mudo completamente”, continua. “Eu, como Victor, sou muito tímido, e a Jessie me ajudou a superar um pouco dessa timidez. Funciona um pouco como uma máscara”, completa.

Com os contornos feitos, os olhos começam a tomar cor: um vermelho misturado com amarelo, quase laranja. Eu noto que o Victor fala da Jessie na terceira pessoa, e vice-versa. Pergunto e ela confirma: “quando eu estou desmontada eu falo da Jessie como se estivesse falando de outra pessoa”. Agora fica a dúvida: ela ou ele? Em qual momento a linha tênue some e Victor vira Jessie? “Durante o processo de montagem fica um meio a meio, eu sinto que ela chegou no momento em que eu coloco a peruca. Porque a peruca é o que transforma mesmo”, explica, por enquanto, Victor.

O rosto toma forma. Os olhos estão prontos, a pele está quase, é hora de mexer um pouco na boca. “Minha maquiagem preferida é nude, com um glitter, bem simples”, vai contando. Um pouco mais de talco, um pouco mais de base e um retoque no contorno. Tudo parece pronto. “Agora os cílios, vou lá buscar”, disse enquanto saía para buscá-los. Voltou com uma caixa com algumas opções, optou por cílios bem longos. Essa parte dá trabalho também e, mais uma vez, a paciência é vitoriosa. Já são, pelo menos, duas horas e meia se dedicando à maquiagem. Cílios colocados, finalmente chegou a hora da peruca e da roupa.



Foto: Giovana Romania

Victor foi até o quarto se trocar, voltou alguns minutos depois vestindo uma meia-calça cor da pele e uma saia curta preta. A partir deste momento, mesmo ele estando de boné e sem peruca, não tinha volta para mim. Ali eu não enxergava mais o homem Victor, mas sim a queen Jessie. Não sei explicar muito bem por que razão um rosto inteiro maquiado não foi o necessário para isso acontecer, mas sim uma meia-calça. É quase um choque. Os trejeitos que começaram a atrair meu olhar, em meio ao processo de maquiagem, agora haviam duplicado enquanto Jessie se olhava em um espelho grande de parede. Foi para o quarto novamente e, dessa vez, voltou vestindo um cropped top, aquelas blusinhas curtas, sabe? A peruca ruiva, quase laranja, estava em sua mão. Cabelos compridos sendo penteados e cuidados sem nem estarem na cabeça de alguém. Para colocar a peruca um pouco de dramaticidade: Jessie jogou

a cabeça para baixo, arrumou a picumã na cabeça e trouxe o tronco de volta para a posição ereta de uma maneira bem drag queen, já batendo o cabelo pela primeira vez na nossa frente.

Lembra quando o Victor disse que a Jessie surgia realmente com a colocação da peruca? Era verdade. A timidez dele não dava nem sinal de aparecer, principalmente quando um sapato de salto alto deu o toque final ao look. “Podemos tirar algumas fotos?”, perguntamos. “Mas é claro”, ela respondeu. E “algumas fotos” viraram muitas fotos. “Vou atualizar em todas as redes sociais”, dizia ela. Finalizamos a entrevista, nos despedimos e Jessie nos acompanhou - totalmente montada - até a portaria. As fotos se encerraram quase no portão, já que a luz natural estava ótima e não poderia ser desperdiçada.



Foto: Mariana Pellegrini

Anexo 8 – Reportagem “You better work, girl!” (Por Mariana Pellegrini)

“We’re all born naked and the rest is drag”. Em livre tradução - "todos nós nascemos nus e o resto é drag", o jargão de RuPaul, uma das drags mais famosas da atualidade revela muito sobre a cultura drag e as camadas que são colocadas sobre o corpo, não só das drags, mas das pessoas em geral.

Faz a make, afina o rosto, esconde sobrancelha, trabalha o contorno, cola cílios, tenta afinar a silhueta e torná-la mais feminina, veste uma roupa, coloca umas bijuterias e põe a peruca. Pronto, assim se monta uma drag. Sai criador, entra a drag. Tira peruca, troca de roupa, lava a make. Voilà, o criador volta à cena. Pode ser um homem, uma mulher, hétero, gay ou o que quer que seja: drag queens não cabem em caixinhas etiquetadas, são surpresas.



Abba Cashier finalizando o processo de montagem



Fotos: Mariana Pellegrini

Drag não é sexualidade, drag não é gênero. Drag é performance e drag queen é performar uma imagem feminina. A beleza conta, mas nem sempre. Às vezes o que se sobrepõe é o ‘esquisito’, o diferente, o inesperado. Como uma boa performer, ela tem um figurino, um vestuário que reflete uma identidade. E as roupas fazem parte da moda.

A moda, porém, não se restringe a vestimenta. É também consumo e comportamento e pode, até mesmo, ser um estilo de vida. A docente de Moda das faculdades Senac Piracicaba e Faculdades Integradas de Bauru (FIB) Dalila Dias Hayashida, ressalta a importância do que é colocado sobre o corpo: “nós nos mostramos através das roupas que vestimos. Numa interação de 10 a 30 segundos que eu olho para o outro, faço a leitura e consigo entender muitos signos que ele nos traduz.”

De maneira involuntária, as pessoas acabam reparando nas roupas alheias e estabelecendo um julgamento do outro por aquilo que ele está ou deixa de estar vestindo. Para Hayashida, vestir-se e passar um significado por meio das roupas é interessante, pois o indivíduo pode se apropriar da moda para ser o que quiser. “A gente pode fazer um personagem de dia, outro à tarde e outro à noite”, afirma a professora. Por isso, o estilo de cada um é um meio de expressão, mesmo que não se fale coisa alguma.

E essa possibilidade de ‘fazer’ diferentes personagens ao longo de um dia, conforme afirma Hayashida, atende às necessidades do indivíduo pós-moderno, que tende à fluidez de identidades. Como propõe o sociólogo Zygmunt Bauman, em tempos de modernidade líquida, há uma transformação do mundo moderno, com mudanças facilmente adaptáveis e moldáveis. Segundo ele, as formas de vida moderna seriam vulneráveis e fluidas, portanto, incapazes de manter uma mesma identidade por muito tempo, o que se reflete no estado temporário de relações sociais.

Pensando sobre os múltiplos papéis de um sujeito e suas encenações perante a sociedade, o livre-docente em Antropologia da Universidade Estadual Paulista (UNESP) Claudio Bertolli afirma: “Hoje a pós-modernidade, mais do que nunca, é definida por alguns autores como sendo o tempo das performances, das grandes encenações. Encenações que insinuam algo que necessariamente não precisa ser.”

Aí se encaixam as drag queens, artistas performáticas, personas criadas a partir de um indivíduo e acostumadas ao desempenho de papéis que se montam e se desmontam. A performer existe por algumas horas e depois volta a dar espaço a seu criador. “Vejo que muitas drag queens fazem questão de mostrar que, no cotidiano, fora das pistas, fora das casas de espetáculo, dos shows, são cidadãos comuns. Quer mostrar que no privado eu sou uma pessoa bem diferente do público”, reflete Bertolli.

O estímulo que vem da fugacidade do instante impulsiona o indivíduo a procurar por várias identidades. A moda e o vestuário, sendo meios de formação e expressão de identidade, acabam sendo alguns recursos utilizados pelo sujeito para mostrar-se, revelando os seus modos de ser e estar no mundo. Surge daí a necessidade de demarcar os limites dos vários papéis encenados.





Queens durante a Parada LGBT de Bauru

Foto: Mariana Pellegrini

O professor e drag queen Samuel Abrantes (sua personagem é Samile Cunha), da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), compartilha do pensamento de que as pessoas estão desempenhando papéis e construindo identidades o tempo todo. “Eu até acho que a vida é teatro e representação”, avalia.

Tendo experiência no teatro, além das suas habilidades para se transformar em Samile Cunha, Abrantes explica que o figurino é essencial no processo drag. “O figurino é o primeiro passo, é a casca, é a primeira camada da cebola. Acho que é fundamental o exercício de construção da identidade a partir do figurino”, afirma. Essa importância decorre do fato de o figurino ser um recurso concreto e real, com textura, tecido, modelagem, forma e cor, que nos identifica e possibilita o reconhecimento no grupo, na sociedade ou até mesmo no outro, explica o professor.

She owns everything

Para uma queen, as suas roupas são tão importantes quanto sua *make*, sua peruca ou seus acessórios. O vestuário merece tanto destaque que é um dos quesitos avaliados pelos jurados, assim como a maquiagem e as apresentações de dublagem, canto dança e desfile no reality show *RuPaul's Drag Race*, comandado pela queen RuPaul e que tem o objetivo de escolher a próxima superestrela entre as drag queens dos Estados Unidos. Estilistas renomados como Jeremy Scott, diretor criativo da grife Moschino, e Marc Jacobs, idealizador da grife que leva seu nome já participaram de alguns episódios, integrando a comissão de jurados do programa.

Jeremy Scott e Marc Jacobs são, por sinal, dois dos grandes nomes da moda que influenciam e se deixam influenciar pelas drag queens e estão sempre atentos ao universo drag. O flerte das queens com a indústria da moda não é novidade. Julian Eltinge, uma performer de grande

sucesso no início dos anos 1900 que se assemelhava tanto a uma mulher a ponto de criar a ilusão de ser uma, lançou na época uma revista voltada ao público feminino dando dicas de moda e beleza.

As queens dos anos 1950 e 1960 tendiam a se parecer mais com mulheres e se deixavam influenciar pelo cinema e pela música, sendo Marilyn Monroe um dos grandes ícones imitados pelas transformistas da época. Entre 1970 e 1980, o estilista Jean Paul Gaultier, conhecido como *enfant terrible* da moda por manipular humor e misturar gêneros e épocas em suas criações, propôs o 'culto dos corpos' e colocou uma miríade de identidades - englobando hipersexuados, drag queens e transgêneros - vestindo suas roupas, numa exploração incomum nos padrões da moda.

Na década de 1990 a estrela de RuPaul começa a brilhar e a queen, que é modelo, cantora, autora e atriz foi a primeira garota-propaganda da M.A.C., Cosmetics estrelando a coleção Viva Glam. Duas décadas à frente, Latrice Royale, *performer* que participou de RuPaul's Drag Race, foi convidada especial da marca para a cerimônia de abertura da maior loja M.A.C. do Brasil.

Desde então, as artistas têm aparecido cada vez mais como modelos e convidadas em desfiles e campanhas publicitárias, frequentando o "tapete vermelho" das premiações e do *show business*, figurando como musas de fotógrafos de editoriais e publicidade de moda, como David LaChapelle e Steven Meisel e estampando páginas das principais publicações de moda e cultura pop, como a revista Vogue (caso de Violet Chachki, vencedora de uma das temporadas de RuPaul's) e outras publicações do setor.

A estilista da grife MiuMiu, Miuccia Prada, inspirou-se na estética *clubber* da década de 1990 e nas queens para a criação das peças do desfile Resort 2016. Ex-competidoras de *RuPaul's*, Violet Chachki, Miss Fame e Pearl, foram convidadas para a festa de lançamento das roupas. Marc Jacobs convidou a queen Milk, também vinda de *RuPaul's*, para sua campanha primavera-verão de 2016 e para posar nua na campanha em prol do NYU Cancer Institute.



Drag queen Milk em anúncio de Marc Jacobs

Foto: Reprodução/Twitter Marc Jacobs

Assim como as cores, o modo de se vestir e a androginia inspiram criadores das grandes grifes, as queens também apresentam influências externas em seus looks: moda e arte são grandes inspirações e referências para alguns criadores quando vão imaginar e construir sua personagem drag. Esta permite que seu criador explore um lado que talvez não se sobressaia tanto na personalidade original e busque se diferenciar no seu meio.

Um desses casos é o de Mitchell Cutmore, bacharel em Artes e líder de negócios e mensagens globais da Telefônica no Brasil, que performa a queen Abba Cashier desde o Carnaval de 2015. Segundo Cutmore, é possível perceber estilos diferenciados entre ele e sua personagem, ou seja, entre o criador e sua criação: o fato de Abba vestir-se com cores chamativas, principalmente rosa, laranja, amarelo, verde e roxo paulatinamente levou Cutmore a adotar um estilo mais sóbrio e sofisticado e atualmente, na paleta de cores de seu vestuário, sobressaem o branco, o vermelho e o azul.

Abba tem como uma de suas principais inspirações o estilista estadunidense Jeremy Scott, diretor criativo da Moschino que tem a fama de ser ‘o designer mais irreverente da cultura pop’. “Gosto de fazer coisas bem no estilo dele, estampas bem humoradas, cheio de cores e com influência do gênero musical new rave, meio no estilo pop-art, que são bem coloridas”, afirma a drag. Para Abba, Jeremy Scott “tem tudo a ver” com o estilo dela.

A performer Nina Codorna é de Salvador (BA) e, quando está out of drag é artista visual, fotógrafo, designer e diretor de arte em uma agência de publicidade. Nina vê seu processo criativo de montagem como “variável, mas sempre construtivo e um eterno aprendizado”. As artes modernas e contemporânea são as maiores inspirações de Nina no âmbito das artes visuais e do design. O fotógrafo estadunidense David LaChapelle, conhecido por sua fotografia hiper-realista editorial e publicitária contemporânea, o casal francês Pierre e Gilles, que formam a dupla de fotógrafos e artistas Pierre et Gilles, o fotógrafo, cinegrafista e maquiador Ryan Burke e a drag Milk, participante da sexta temporada de *RuPaul’s Drag Race*, são algumas referências utilizadas por Nina na hora de se montar.



Autorretrato com maquiagem artística de Ryan Burke

Foto: Ryan Burke/Pinterest

A moda, do ponto de vista da artista, sempre influencia a identidade da queen e suas últimas inspirações vêm do estilo kitsch e do Memphis Design, estilo de design de mobília do grupo italiano - The Memphis Group - e movimento precursor do design pós-moderno. Nina opta por maquiagens elaboradas e uso excessivo de cores na sua identidade, mas “não gosta de ditar regras e criar preferências”, pois segundo ela, tudo depende de seu processo criativo. A moda seria uma forma de se expressar através do que veste “e que vai além de um conceito de tendência mercadológica”, na visão de Nina.

Como existem vários estilos de queens, a variedade de referências é grande. Uma das donas da marca Von Destroyer (cujas peças são feitas artesanalmente e voltadas para o mercado de queens e de figurinos), Ramona Von Destroyer, por exemplo, performa há dois anos e buscou referências no Japão e no mundo nerd/geek para montar seu estilo. Ainda que seja dona de uma marca de roupas e crie e customize tudo o que veste, ela não é estilista.

Ramona se define como “uma personagem de RPG de batom” e diz ser muito difícil se inspirar em outras queens, embora admire o trabalho de muitas, pois prefere se manter na área nerd. Moda é “aquilo que te faz bem e você se expressar daquela forma, sem deixar nunca de lado o conforto”, afirma, embora ressalte que não há conforto na situação drag queen.

Pode-se notar a influência das queens na moda brasileira também. Alexandre Herchcovitch é um estilista de renome que trabalha com queens há anos e até mesmo vestiu duas *performers* em um capítulo do seu programa *Corre e Costura!*, exibido na emissora de televisão SBT. A Casa de Criadores, evento lançador de novos estilistas do Brasil, é um ambiente inclusivo e tem adeptos das performances drag. Os estilistas Walerio Araújo e Fernando Cozende vestem queens nos seus ateliês e já apresentaram coleções desfiladas por performers, como a de 2013 de Araújo e a coleção "T" (transitar, transgredir, transcender e transformar-se) de Cozende, apresentada em 2015.

Don't matter what you wear

De acordo com Claudio Bertolli, livre-docente da Universidade Estadual Paulista (Unesp), há uma postura social que impõe as separações de gênero em masculino e feminino, inclusive no vestuário. A moda agênera busca “misturar e confundir” tal postura e a roupa é uma “confidência, um dos principais itens para reivindicar o gênero”. Ainda que exista o movimento da moda agênera, o docente acredita que a moda não está mais tão atrelada a uma manifestação política.

Houve, na visão do professor, uma função política da moda, mas esta “parecia ficar mais clara nos anos 1960 e 1970, nos quais se percebe efetivamente esse tipo de comportamento”. Tendo deixado para trás o affair com a política, a moda hoje em dia se mostra muito mais ligada à ecologia e à vida saudável do que “atrelada ao princípio político”, avalia.

Em contraponto à visão de Bertolli, o professor Samuel Abrantes acredita que a moda pode sim ter esse papel: “a moda funciona como ação política no exato momento em que a gente escolhe, a gente elege o look A em detrimento do look B”, afirma. Para ele, as escolhas representam uma manifestação da identidade do sujeito, do seu desejo e de suas atitudes e a moda funciona como referencial dessas ações, logo, é uma ação política.

O fato de a indústria da moda estar ultimamente explorando a diversidade de gêneros, a expressão agênera e até as drag queens na passarela - como fazem marcas gringas como Marco Marco, Jeremy Scott e Marc Jacobs - lança questionamentos sobre o papel da moda como influência para a quebra de padrões de gênero.

O diretor teatral, *performer*, professor, produtor e doutorando em performance na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) Caio Riscado e o professor Samuel Abrantes acreditam que esse movimento dentro da indústria da moda está mais ligado a uma estratégia capitalista de venda do que realmente preocupado com a inclusão da diversidade de corpos e gêneros no segmento, ainda que haja mérito na exposição das diferenças que os desfiles promovem.

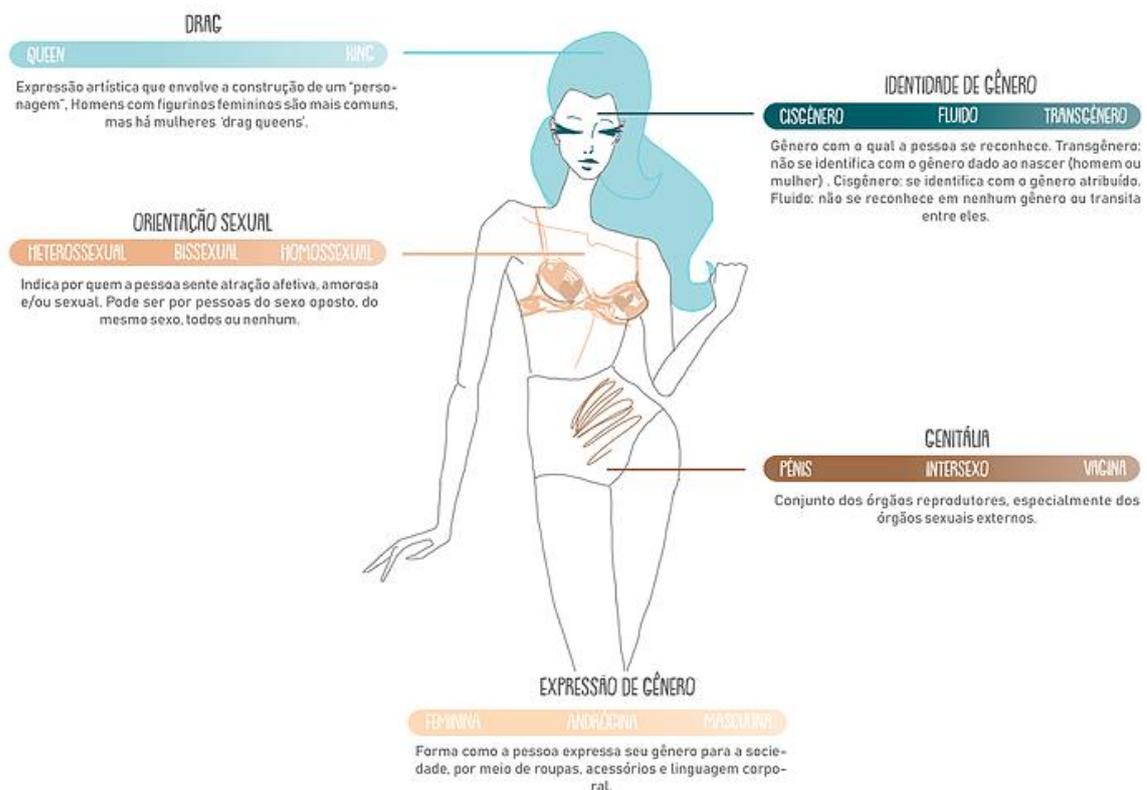
“Eu, particularmente, não vejo a moda como um mercado potencialmente e verdadeiramente engajado na luta pela valorização das diferenças. Assim como todo mercado, a [indústria da] moda está atenta às discussões da atualidade e procura, muitas vezes de forma equivocada, aliar essas narrativas a suas criações e produtos”, afirma Riscado.

Já Abrantes acredita que a moda é ampla, plural e que “no momento em que se torna globalizada ela pode ser sim um veículo de manifesto de quebra de papéis.” Ainda que uma série de movimentos tenham sido vistos nas passarelas, com rapazes vestidos de mulheres, bem como drags e mulheres usando roupas masculinas nos desfiles, o docente afirma não saber se isso pode ser considerado uma forma de protesto e pensa que pode ser, na verdade, uma maneira de difundir a moda, tornando-a plural. “Acho que é menos manifestação política e mais tentativa de atender a todos os papéis e gêneros”, reflete ele. “A moda se utiliza do ‘filão’ da questão da diversidade e joga na passarela, acho que é um movimento posterior”, afirma.

Sissy that walk

A performance drag queen não tem relação direta com a identidade de gênero. De acordo com a filósofa Judith Butler, pioneira e referência mundial da teoria queer, o gênero é fruto do que fazemos e não do que somos, pois é uma performance vinda de uma construção social. O gênero constituiu-se por meio de ações repetidas, performadas, com manifestações constantes, afirma O corpo, na visão da filósofa, não é uma fundação estável para expressão de gênero. Ainda assim, parte da sociedade ainda vê a questão de gênero sob a ótica binária, ignorando a teoria queer e a variedade de gêneros entre masculino e feminino.

E foi justamente por serem performáticas que as queens chamaram a atenção da filósofa. No livro *‘Problemas de Gênero’*, Butler defende a teoria de que a identidade é moldada através de performatividades de gêneros. As artistas, na visão da pesquisadora, são uma paródia do desempenho de gênero, ridicularizando as expressões e performances culturais que norteiam as identidades masculinas e femininas. Vale ressaltar aqui que, por transgredirem as normas binárias (masculino e feminino) regulatórias impostas pela sociedade, as queens significam também um posicionamento político.



Infográfico: Anna Satie // Fonte: [G1](#)

O performer Caio Riscado ressalta que a performance drag, tanto das queens quanto dos kings (a versão masculina das drag queens), não se limita ao binarismo, ou seja, extrapola a dicotomia masculino/feminino e é capaz de flertar com outros tipos de construção e linguagem: “Existem drags [queens] que performam seres fantásticos, místicos, animais, vegetais, deuses, deusas e, até, objetos”, afirma.

Avaliação semelhante tem a performer gaúcha Alma Negrot, personagem de Rapahel Jacques. Para ela a queen não é, necessariamente, “uma performance que inverte gêneros, mas um lugar de ressignificação do corpo” e a representação artística do queer. Alma acredita não ser possível falar de drag sem falar de gênero, uma vez que a performance seria uma “blasfêmia contra a binaridade de gênero”. A drag queen critica a binaridade por considerá-la responsável por exercer, nas pessoas, “a obrigação de sermos e compramos quem a Bíblia Sagrada ou os livros de Ciência mais retrógrados nos impõem”.

Mas nem toda queen está interessada em manter uma identidade humana. Alma representa as tranimals, artistas que buscam inspiração na arte surrealista e se montam performando seres fantásticos tentando se distanciar das formas humanas: “Costumo dizer que a Alma não é uma personagem que crio e sim o trânsito de tudo aquilo que eu gostaria de ser. Eu posso me sentir um minúsculo vagalume intergaláctico ou uma feiticeira de três metros de altura”, descreve. Ele afirma que não se maquia para “pra mostrar beleza”: “Eu quero me mostrar do avesso e contar histórias”. Sua queen é uma mistura de tinta, sucata e “objetos malucos” que são colocados em seu rosto.



Alma Negrot em uma das suas muitas composições visuais

Foto: Pedro Loreto/Pinterest

Por que usar materiais não óbvios na elaboração da persona? A explicação de Alma para sua constituição como personagem é complexa e completa: “Misturando materiais inusitados e criando seres fantásticos, a intenção é criar confronto com a norma vigente. Rompendo barreiras de gênero ou do conceito de ser humano, as performances carregam um apelo ao questionamento do corpo lúdico com o ambiente ou recriam alguma conexão espiritual criativa. As imagens carregam discursos que chegam de diversas formas no espectador. O que importa é que cause questionamentos”.

Dragativismo

Ao se apropriarem do vestuário feminino e de outros elementos de tais universos para a incorporação da personagem, as queens estão, segundo o pensamento da filósofa Judith Butler, parodiando o desempenho de gênero, resistindo a estruturas de poder regulatórias e ridicularizando as expressões e performances culturais normativas.

A doutora em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) e professora de Psicanálise na UNESP Patrícia Porchat, concorda com a visão de Butler quanto a gênero ser performance. Ao refletir sobre o processo de montagem das drag queens que buscam trazer à tona uma representação por vezes exagerada de feminino, Porchat afirma que tal performance está ligada a um estereótipo sobre o que seja esse gênero: “São um estereótipo de mulher. É uma feminilidade bastante restrita e ligada à sedução e à beleza.”

O professor Claudio Bertolli compartilha desse pensamento: “A drag queen ao mesmo tempo cria uma hiperfeminilidade, um estereótipo da mulher. Esse estereótipo pode chegar a um ponto tão radical que, na verdade, às vezes não é que a drag seja machista, mas ela está querendo mostrar o ridículo da feminilidade, dessa feminilidade exaltada. É aí que você tem o hiperbólico.” De acordo com o docente, ainda se cobra da mulher um padrão de feminilidade e sensualidade, enquanto do homem não se cobra uma masculinidade exaltada desde os anos 1960.



Drag queen se apresentando na parada LGBT+ de Bauru

Foto: Mariana Pellegrini

Diante da discussão tão atual sobre gênero e identidade, ainda mais em tempos de polarização e intolerância política, religiosa e de costumes como se verifica no contexto brasileiro atual, seria a montagem drag um ato político? Para Bertolli, pode-se dizer que sim e que não. Drag pode ter um cunho político no sentido de se querer quebrar uma visão de mundo, de hegemonia masculina propriamente dita, mas a montagem pode ser uma diversão da pessoa e nada mais, analisa.

Samuel Abrantes afirma que sua criação, Samile Cunha, não tem uma pretensão política, ainda que acabe levantando a bandeira das drag queens. “Me monto como forma de representação, de brincadeira, de possibilidade de vir a ser. É sempre da ordem do lúdico, do teatro, da ordem do riso, é uma brincadeira.” A Samile é, segundo ele, mais uma forma de expressão do ator, figurinista e professor Samuel Abrantes. “É mais uma possibilidade de eu me colocar no carnaval, no teatro, nos vídeos”, afirma.

Segundo uma percepção do próprio docente, ao participar da cena universitária nas faculdades Belas Artes, Comunicação e Letras da UFRJ, as drag queens contemporâneas estão encarando o movimento como político, visto que estão levantando a bandeira contra o preconceito de gênero e o binarismo masculino/feminino. “Até acho que não veem mais como caricatura e sim como forma de viver, de dia-a-dia. Nesse sentido há uma forma política de manifestação”, explica.

O performer Caio Riscado também compartilha da opinião de que drags não podem ser rotuladas como socialmente engajadas e “desconstruídas”: “Se uma drag fará uma militância pela desconstrução de gênero e, por exemplo, pelo direito da população trans, isso diz respeito ao seu posicionamento político.” Caio ressalta ainda que fazer drag não diz nada sobre uma pessoa e nem a localiza no que diz respeito a seu caráter ou pensamento ideológico.

Opiniões diferentes têm as drags Nina Codorna, Abba Cashier, Georgia Herrera e Alma Negrot. Elas acreditam que estar *in drag* representa um posicionamento diante do mundo. De

acordo com Nina, o fato de um homem colocar uma peruca na cabeça já constitui um ato político por si só, ainda que seja por meio da arte. “Acredito que a arte drag está para questionar os padrões impostos socialmente e tenho um apreço muito grande quando, através da arte, você também se manifesta politicamente”, avalia.



Detalhe de uma queen durante a parada LGBT+ de Bauru

Fotos: Mariana Pellegrini

Abba Cashier fala que, ao ir montada como drag a um lugar normativo, ou seja, a espaços em sua maioria frequentados por pessoas que se apresentam de maneira adequada ao binarismo de gênero, não tem o feedback de beijos, abraços e pedidos de selfie que teria em uma boate ou outro local frequentado majoritariamente por pessoas LGBT+. Segundo ela, há as pessoas que serão “escrotas” e podem gritar ou criticá-la, como tentativa de intimidação. Mas há também as pessoas que não expressam qualquer reação porque não sabem lidar com a situação. Neste caso o impacto causado pela sua presença queen é invisível aos olhos, mas, ainda assim, é político.

“É difícil sair na rua, é difícil chamar a atenção, mas eu pelo menos tento me lembrar, quando fico desconfortável, que provavelmente está tendo um impacto muito mais positivo do que consigo ver. Cada vez que você sai na rua, você não sabe quem você vai encontrar, como as pessoas vão te tratar, como você vai se sentir, e isso tá na cidade, é imprevisível, dá adrenalina. Tem pessoas que gostam disso e tem pessoas que aprendem a lidar [com isso]”, revela.

A drag queen Georgia Herrera reforça a questão do imprevisível. Segundo ela, a partir do momento em que alguém se monta, está totalmente exposto a julgamentos e carrega o potencial de causar debate, não só para a sociedade como para si mesmo. Georgia fala também sobre toda uma discussão interna: “Acho que não só para a sociedade, mas para si mesmo. No momento em que você decide se montar e tem o contato com essa personagem, essa drag, existe toda uma discussão interna, uma claridade de opiniões, reflexões e identidades.”

Alma Negrot reflete sobre o fato de todo tipo de trabalho sensível ou associado ao estereótipo feminino ser negado aos corpos socialmente designados “masculinos”. “Para a sociedade, quando um homem faz ‘coisas de mulher’, ele abdica de poder, ele desce de nível”, afirma. De acordo com a drag, ela e o coletivo Queeridas, do qual faz parte, entendem o ato de transformar o corpo “como uma expressão híbrida contra binariedade de gênero e demarcação política da população LGBT na cidade.

Anexo 9 – Glossário

O universo drag queen tem um vocabulário próprio, com jargões construídos ao longo de anos. Mais que um código, é uma forma de consolidação da identidade de grupo. A seguir, listamos as expressões mais comuns e seus significados para iluminar um pouco deste universo das drag queens. A maioria dos termos são apresentados pela drag queen brasileira Tiffany Bradshaw. Fonte: "[Dicionário Drag Queen: aprenda as gírias mais usadas](#)".

ACUENDAR ou AQUENDAR: o ato de esconder o pênis para não fazer volume na roupa.

BATE CABELO: dança criada por drags brasileiras em que movimentos rápidos são feitos com a cabeça, mostrando o movimento feito pelos cabelos soltos. Normalmente é realizado no ápice de uma apresentação artística.

BABADO OU BAFO: fofoca ou novidade.

BOY MAGIA: homem bonito e desejado.

DIVA: usualmente uma mulher cantora de música pop que é venerada e considerada musa inspiradora.

DUBLAGEM: movimentar a boca sem emitir som para fingir ter a voz de cantoras ou cantores pop em apresentações.

DEATH DROP: movimento em que a drag queen dobra uma das pernas e deixa a outra esticada, se jogando no chão. A sensação é de que a artista está se “jogando para a morte”, por isso o nome do passo em inglês. É muito usado em fim de apresentações. Quase que um espacate.

ENCHIMENTO: pedaços de espuma colocados em pontos estratégicos para imitar o formato do corpo feminino.

FISHY: drag que visa ficar o mais parecida possível com o estereótipo feminino .

GONGAR: zoar, falar mal ou criticar algo.

HINO: música com grande significado emocional para a drag.

KAI KAI: quando duas drags montadas se beijam ou namoram.

LACRE E TOMBAMENTO: atitude poderosa ou quando alguém vai muito bem em alguma atividade.

LACE: tipo de peruca com rede para dar ilusão de que o cabelo falso realmente sai da cabeça.

MAMMA: drag mais velha e experiente que ajuda drags mais inexperientes

MONTAÇÃO: processo de aplicar maquiagem e roupas para assumir a persona drag.

NECA: pênis.

PERFORMANCE: quando drag queens fazem shows, elas falam que estão fazendo uma performance, entrando no personagem.

PICUMÃ: peruca.

SHADE: comentário maldoso e indireto.

QUEEN: abreviação de drag queen.

EDIÇÃO RUPAUL

SHANTAY, YOU STAY: referência ao filme *Paris is burning* (1991). A expressão é usada para dar a vitória a uma das competidoras que fez uma dublagem vencedora e continuará na competição.

SASHAY AWAY: é a expressão usada para eliminar uma competidora. No meio drag queen, é usada para jogar shade em uma inimiga.

ELEGANZA EXTRAVAGANZA: termo que designa alto grau de elegância de um *look*. A origem desse termo é mostrado também em *Paris is burning*, filme que retrata as competições do gueto norte-americano.

NO T, NO SHADE: quer dizer algo como "sem fofoca, sem veneno, apenas a verdade". Esse termo tem variações em "*All T, All Shade*", "*All T, No Shade*", "*No T, All Shade*".